

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

ISRAEL DA SILVA SOUSA

**UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DE OPOSITIVIDADE ENTRE AS UNIDADES  
LEXICAIS *NOVO* E *VELHO* PELO VIÉS DA TEORIA DAS OPERAÇÕES  
PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS**

TERESINA  
2019

ISABEL DA SILVA SOUSA

**UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DE OPOSITIVIDADE ENTRE AS UNIDADES  
LEXICAIS *NOVO* E *VELHO* PELO VIÉS DA TEORIA DAS OPERAÇÕES  
PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Gramática e léxico: descrição e ensino

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima.

TERESINA  
2019

FICHA CATALOGRÁFICA  
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

S725e      Sousa, Isael da Silva.  
Um estudo das relações de opositividade entre as unidades lexicais *novo* e *velho* pelo viés da teoria das operações predicativas e enunciativas / Isael da Silva Sousa. – 2019.  
96 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.  
“Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Auxiliadora Ferreira Lima”.

1. Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.  
2. Relações de Opositividade. 3. Construção de Sentidos.  
I. Título.

CDD 410

ISABEL DA SILVA SOUSA

**UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DE OPOSITIVIDADE ENTRE AS UNIDADES  
LEXICAIS NOVO E VELHO PELO VIÉS DA TEORIA DAS OPERAÇÕES  
PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima.

Aprovada em: 26 /02 /2019

BANCA EXAMINADORA



---

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima – Presidente  
Universidade Federal do Piauí – UFPI



---

Prof. Dr. Albano Dalla Pria – Examinador Externo  
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT



---

Profa. Dra. Joana Darc Rodrigues da Costa – Examinadora Interna  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Para Deus, por seu imensurável amor!  
Para Auxiliadora, pelos sonhos!

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por sempre estar ao meu lado, por diariamente me mostrar seu infinito amor. Não sei o que seria de mim sem a tua presença em minha vida. Agradeço pela força, por permanecer comigo, mesmo eu sendo tão fraco e falho. Obrigado por sempre e sempre me surpreender com o teu melhor. Saiba que desejo, verdadeiramente, um dia te abraçar bem forte e ficar por um bom tempo assim, até eu sentir que meu coração está repleto do teu amor e da tua paz. Enquanto esse dia não chega quero tua presença continuamente em minha vida, quero tuas mãos segurando as minhas mãos.

À **Profa. Maria Auxiliadora Ferreira Lima**, por todas as lições de vida. Por todo apoio, cuidado e paciência. Por todo zelo e empenho no processo de orientação desta dissertação; obrigado pelos conselhos e exemplo tão forte de competência, docência e pesquisa; por acreditar em mim, por me incentivar a seguir adiante; pela amizade tão bela e significativa construída. Seu lugar no meu coração é eterno.

À **Capes**, pelo apoio financeiro durante todo o mestrado, apoio que foi tão essencial para a produção desta pesquisa.

À **Universidade Federal do Piauí (UFPI)**, por me oportunizar uma formação de qualidade e me impulsionar a voos cada vez mais altos.

À **turma do Mestrado em Letras (Biênio 2017-2019)**, por haver entre nós a delicadeza da preocupação uns com os outros. A caminhada ao lado de vocês tornou tudo bem mais belo e empolgante. Quero agradecer em especial ao meu grande amigo, **Thiago Amorim**, ser humano tão nobre e empático; ao **Rômulo Silvestre**, exemplo de dedicação, empenho e proatividade; à querida e admirável **Valdisnéia Sousa**, pelo exemplo de coragem e garra e, sobretudo, pela amizade; à **Célia Araújo Neta**, por ser a dona de um dos sorrisos mais sinceros que conheço; à **Carol Áurea**, por ser simplesmente do jeito que é, um ser humano radiante e inspirador; à **Marília Mesquita**, por ter um jeito de mãe que sempre deu conforto e segurança para todos nós; à **Carol Moura**, por estar ao meu lado desde a graduação e por ser luz; à **Érika Lourrane**, por me ensinar a força do querer; à **Thalita**, pela simpatia e carinho; ao **Francisco Lima**, por ter escolhido fazer parte do time TOPE e nos privilegiar com sua amizade; ao **Marcos Paulo**, por (re)significar a minha fé; ao **Erickson Diniz**, pela prestatividade e apoio; e, também,

todos as outras pessoas que tornaram essa jornada tão significativa como meus grandes amigos **Vilcarlos Carvalho, Missione Aurélia e Estefania Abreu.**

Ao **Prof. Albano Dalla Pria**, por suas contribuições tão preciosas, por seu olhar atento e perspicaz. Por ser um exemplo de Pesquisador e Professor. E, sobretudo, por se tornar um amigo.

Aos **Professores do PPGEL – UFPI**, por me ensinarem que a aprendizagem é um exercício constante o que resultou em mim a consciência do quanto ainda tenho que ler, me dedicar e, principalmente, o quanto é necessário aprender para poder me tornar o professor-pesquisador que almejo ser um dia, pois como disse Rubem Alves “na profissão além de amar tem de saber e o saber leva tempo para crescer”. Mormente, quero agradecer ao **Prof. Francisco Alves Filho**, cujas aulas foram lições de vida para dentro e fora da academia; à **Profa. Maria Angélica Freire de Carvalho**, por ser um exemplo de organização e dedicação. Pelos ensinamentos e conhecimentos construídos. Pela nobreza e carinho inerentes ao seu ser.

Ao **GETOE**, por ser meu lar, pelas amizades incríveis que me deu a oportunidade de construir. Por todo conhecimento e inspiração. Assim, agradeço o apoio e carinho de todos que fazem parte dessa família e estiveram sempre próximos de mim: **Lidiany Santos, Waldemar Duarte, Ivo Sodré, Beth, Viviane Garcêz, Deislandia Silva, Layana Holanda, Andreana Araújo, Raiza Loiola, Debóra Oliveira, Antônia Gisselia, Luís Gustavo, Helder Regino, Leonildes Pessoa, Djanira dos Santos e Eva Maria.** Muito obrigado, amigos!

À **Profa. Heloísa Monteiro**, pelos importantes conhecimentos construídos sobre a prática docente, processo de ensino-aprendizagem e a magnitude de se fazer todas as atividades com afinco e dedicação.

A **José de Ribamar e Ivone Moreira**, meus pais, por cuidaram da formação do meu caráter e por todo amor que me foi concedido. Espero ansiosamente um dia reencontrar vocês e poder abraça-los novamente.

A **Adriano Sousa e Eunice Sousa**, meu irmãozinho e minha mãe, por todo amor e carinho demonstrados diariamente. Sou grato a Deus por ter vocês em minha vida. Obrigado por serem exatamente do jeito que são.

À **Rosa Cardoso**, por todos os abraços, por todas as demonstrações de carinho e afeto.

À **Iraní Ribeiro**, por todo carinho e cuidado; por fazer parte da minha vida e sempre me estender suas mãos.

À **tia Jady**, pela simpatia e carinho. Pelos momentos de conversa e acolhimento na P.A.

À **Keyla Alves**, ser humano lindo, nosso encontro foi de almas e nossa amizade será eterna. Obrigado por todo apoio, amor, irmandade e, principalmente, por fazer dos meus dias mais leves e felizes.

À **Joana Costa**, por suas preciosas contribuições no processo de construção desta pesquisa. Por sua amizade e apoio constantes. Sua intensidade de sentir, perceber e sua capacidade de ser tão empática fazem de você um ser humano extraordinário.

À **Annie Mendes**, ou também posso chamar de presente de Deus, por ser meu baluarte, um ponto de refúgio e segurança. Muito obrigado por estar sempre presente.

Às minhas queridas amigas, **Ana Laís, Ingrid Suanne, Ruhama Aguiar, Isabel Mesquita, Nayra Sousa, Arielly Facundes, Franc-Nádia, Julyena da Silveira, Maria Domingas, Adriana de Jesus, Rosilene Mesquita, Dos Santos de Jesus, Betânia Costa e Karine Damasceno**, por serem tão presentes em minha vida apesar da distância. Pela certeza da reciprocidade dos votos de felicidade e sucesso. Pelo amor que sustenta nossa relação.

Como disse certa vez Rubem Alves “eu sou muitos” e o meu coração é cheio de gratidão!



Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim esse atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso. Meu quintal é maior do que o mundo.

(Manoel de Barros)

Todos nascemos filhos de mil pais e de mais mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se os nossos mil pais e mais as nossas mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos irmãos, irmãos uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós.

(Valter Hugo Mãe)

Bendito seja Deus, que não me rejeita a oração, nem aparta de mim a sua graça.

(Salmos 66:20)

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Atividade de linguagem: representação .....	30
Figura 02	Tipos e Ocorrências .....	34
Figura 03	Relação entre a Noção e suas ocorrências linguísticas e fenomenológicas .....	35
Figura 04	Conceito de Domínio Nocial .....	37
Figura 05	Gradiente .....	38

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Acepções da unidade lexical <i>novo</i> e “antônimos” .....	59
-----------	---	----

## LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 01	Relações de Contraste para Lyons .....	54
------------	--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS**

FE – Forma Esquemática

GETOE – Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas

IC – Iniciação Científica

QLT – Qualificação

QNT – Quantificação

SE– Sujeito Enunciador

TOPE – Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

UFPI – Universidade Federal do Piauí

## RESUMO

Esta dissertação insere-se no quadro da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b), mais especificamente, em uma linha de investigação construtivista desenvolvida por Franckel, Paillard e Vogüé (2011). Ao considerarmos o fato de que estamos trabalhando com duas unidades categorizadas pelo viés estruturalista como opostas, nos encontramos diante de uma problemática que consiste na estabilidade fixa atribuída às relações de opositividade entre *novo/velho*. Partindo disso, nos questionamos: encontraremos uma relação de oposição entre as unidades lexicais *novo* e *velho* quando nos propomos a observar a construção de sentidos em uma situação enunciativa singular? Quais aspectos distanciam ou aproximam as unidades lexicais *novo* e *velho* da construção de uma relação de oposição? Essas questões nortearam nossa pesquisa e, assim, temos como objetivo geral demonstrar que não existe uma opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*. A constituição do corpus se deu com as ocorrências de *novo* coletadas do meio eletrônico denominado Corpus do Português e de demais páginas da web. Temos com suporte teórico-metodológico a TOPE, por essa razão nossa metodologia de análise se baseia na atividade de manipulação e reformulação de enunciados, ou seja, a prática de elaboração de glosas. Os resultados evidenciam que não há uma opositividade fixa entre *novo* e *velho*. Quando constatamos a ocorrência de uma relação de oposição verificamos que o que se opõem não é uma unidade em relação à outra unidade, isto é, *novo* e *velho* não se opõem enquanto unidades, mas os valores construídos e estabilizados temporariamente podem favorecer a construção de uma relação de oposição.

**Palavras – chave:** TOPE. Novo. Velho. Relações de Opositividade. Construção de sentidos.

## RÉSUMÉ

Cette thèse fait partie de la Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives d'Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b), plus spécifiquement dans une ligne de recherche constructiviste développée par Franckel, Paillard et Vogué (2011). Lorsque nous considérons le fait que nous travaillons avec deux unités catégorisées par le biais structuraliste comme opposées, nous sommes confrontés à un problème qui consiste en la stabilité fixe attribuée aux relations d'opposition entre le nouveau et l'ancien. À partir de là, nous nous demandons: trouverons-nous l'opposition entre les nouvelles et les anciennes unités lexicales lorsque nous nous proposons d'observer la construction de significations dans une situation énonciative singulière? Quels aspects éloignent ou rapprochent les anciennes et les nouvelles unités lexicales de la construction d'une relation d'opposition? Ces questions ont guidé nos recherches et nous avons donc pour objectif général de démontrer qu'il n'y a pas d'opposition fixe entre les nouvelles et les anciennes unités lexicales. La constitution du corpus s'est produite avec les occurrences à nouveau recueillies à partir du support électronique appelé Corpus do Português et d'autres pages sur Web. Nous avons un support théorique et méthodologique à la TOPE, et pour ce motif notre méthodologie d'analyse est basée sur l'activité de manipulation et de reformulation d'énoncés, c'est-à-dire la pratique de l'écriture de gloses. Les résultats montrent qu'il n'y a pas d'opposition fixe entre le nouveau et l'ancien. Lorsque nous observons la présence d'une relation d'opposition, nous constatons que ce qu'ils opposent n'est pas une unité par rapport à l'autre unité, c'est-à-dire que les nouveaux et les anciens ne s'opposent pas en tant qu'unités, mais que les valeurs construites et stabilisées temporairement peuvent favoriser la relation d'opposition.

**Mots clés:** TOPE. Nouveau. Vieux. Relations oppositionnelles. Construction des sens.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1 A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS DE ANTOINE CULIOLI</b> .....	25
<b>1.1 Situando as investigações enunciativas de Antoine Culioli</b> .....	25
<b>1.2 Atividade de Representação, Referenciação e Regulação</b> .....	28
1.2.1 Atividade de Representação .....	28
1.2.2 Atividade de Referenciação .....	30
1.2.3 Atividade de Regulação .....	31
<b>1.3 A Noção</b> .....	32
<b>1.4 A ocorrência</b> .....	34
<b>1.5 A estrutura do Domínio Nocional</b> .....	36
<b>1.6 O Centro Organizador</b> .....	40
<b>1.7 O Tipo</b> .....	41
<b>1.8 O Atrator</b> .....	41
<b>1.9 O processo de construção do enunciado</b> .....	42
1.9.1 A lexis .....	42
1.9.2 A relação Predicativa .....	43
1.9.3 A relação Enunciativa.....	44
<b>1.10 Operações de Determinação</b> .....	44
<b>2 AS RELAÇÕES DE SENTIDO ENTRE AS UNIDADES LEXICAIS</b> .....	46
<b>2.1 Uma Perspectiva Estrutural das relações de sentido entre as unidades lexicais</b> .....	46
2.1.1 Polissemia.....	47
2.1.2 Sinonímia .....	49
2.1.3 Antonímia.....	54
2.1.3.1 Contraste binários .....	55
2.1.3.2 contraste não binários.....	59
<b>2.2 Uma Perspectiva Construtivista das relações de sentidos entre as Unidades Lexicais</b> .....	60
2.2.1 Valores Referenciais .....	63
2.2.2 A identidade das unidades linguísticas.....	66
<b>3 UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE OPOSITIVIDADE ENTRE AS UNIDADES LEXICAIS NOVO E VELHO</b> .....	69
<b>3.1 Procedimentos metodológicos</b> .....	69



<b>3.2 Análises e Discussão</b> .....	72
3.2.1 Grupo (01) – <i>Novo</i> indicando a introdução de um elemento com valor de acréscimo .....	72
3.2.2 Grupo (02) – <i>Novo</i> indicando a introdução de um elemento gerando ruptura.....	76
3.2.3 Grupo (03) – <i>Novo</i> situando um elemento em um espaço temporal .....	81
<b>3.3 Síntese das Análises</b> .....	87
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	90
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92

## INTRODUÇÃO

Se língua e homem não se separam, como diz Benveniste, podemos supor que existam mesmo processos profundos, generalizáveis, aplicáveis em outros domínios também e que sustentam a organização das línguas (REZENDE, 2006, p. 18).

O Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas (GETOE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), desenvolve desde 2011 o projeto de pesquisa intitulado *“Unidades Lexicais: Identidade e Variação em uma Dinâmica de Interação”*.

O projeto tem como objetivo investigar o processo de construção de sentidos de unidades lexicais, tendo como alvo a questão da identidade e da variação em diferentes ocorrências. A pesquisa é guiada por uma reflexão que compreende o sentido de uma unidade lexical construído através do enunciado, norteadada por uma dinâmica de interação. É uma pesquisa de natureza construtivista que tem sua origem em um programa de investigação proveniente da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) do linguística francês Antoine Culioli.

Como exemplo de resultado do projeto supracitado, podemos citar aqui as pesquisas desenvolvidas por Santos (2013), Luz (2013), Silva (2014), Silva (2015) e Araújo (2016). Santos (2013) objetivou em sua pesquisa discutir a construção de sentido da unidade lexical grande, observar as operações de qualificação e quantificação nas ocorrências e elaborar uma forma esquemática com a singularidades de usos. Santos (2013) constatou, por meio das suas análises, que a operação de qualificação foi preponderante em relação à operação de quantificação. A construção de sentido da unidade lexical grande depende da natureza semântica do nome a que se refere e seu sentido protótipo de tamanho remente a uma extensão física ou valorativa, assim como a uma intensificação qualitativa ou quantitativa.

A pesquisa de Luz (2013) objetivou analisar de que maneira a interação entre cotexto e contexto contribui para a variação semântica dos verbos sentir e perceber. Os resultados das suas análises evidenciam que das inúmeras ocorrências do verbo sentir foi possível verificar a emergência de valores como ter, possuir, conhecer, compartilhar, intuir e sofrer, os quais, organizados em dois grandes grupos,

compartilham a ideia de percepção física e intuição. Nas ocorrências com o verbo perceber, Luz (2013) constatou a estabilização de valores como registrar, contar, dar, notar, ver, receber, compreender, saber, conhecer e entender, os quais foram agrupados em três grandes grupos conforme os valores estabilizados, a saber, de registro, notação e compreensão.

Já Silva (2014) objetivou apresentar o processo de construção de sentido dos adjetivos falso e fiel, bem como seu processo de qualificação. A autora discorreu sobre as relações de sentidos como sinonímia, antonímia e polissemia demonstrando o distanciamento de uma abordagem estrutural para a abordagem construtivista adotada. Os resultados de suas análises mostram que a unidade falso pode atribuir uma característica ao nome que qualifica, assim como alterar a noção instanciada por ele. Por sua vez, a representação metalinguística da unidade fiel revela o caráter apreciativo e sua capacidade de enfatizar característica do nome qualificado, o inverso do que acontece com a unidade falso. Acerca das relações de antonímia, foi apurado que quando houve entre falso e fiel foi proveniente de valor construído localmente no enunciado.

Silva (2015) realizou um estudo semântico-enunciativo dos verbos tomar e levar no Português. Os resultados de suas análises demonstram que tomar e levar apresentam um funcionamento cujo sujeito é paciente de uma ação externa praticada por outrem. Nos casos em que tomar e levar funcionavam como semanticamente próximos, constatou que quando havia no contexto do enunciado um sujeito X, paciente de uma ação praticada por Y, em que esse Y desferia sobre X uma ação que o surpreendia, era possível fazer a permuta das unidades verbais que, nesses casos, funcionariam com proximidade semântica.

E, por último, Araújo (2016) empreendeu uma pesquisa sobre a construção de sentidos do verbo descobrir. Seu objetivo consistiu em investigar o processo de construção de sentido do verbo prefixado descobrir na diversidade de suas ocorrências. Suas análises evidenciam que o descobrir possui características peculiares que não restringem, em termos de contraste, ao sentido de cobrir. As análises das ocorrências mostram também seis sinônimos locais de valores abstratos, são eles: encontrar, perceber, tomar, conhecimento, identificação, desvendar e conhecer. Para Araújo (2016), nesses casos, o prefixo não pode mais ser identificado e a unidade assume características de uma palavra primitiva com identidade própria.

Fomos inseridos, nesse projeto, através do Programa de Iniciação Científica (doravante IC). E, nos foi dada a responsabilidade de analisar, com o suporte teórico-metodológico da TOPE, o funcionamento semântico-enunciativo das seguintes unidades lexicais: liso, fino, grosso, *velho*, *novo* e antigo. Durante o período da IC só foi possível trabalhar com as unidades lexicais fino e grosso. Continuamos participando das reuniões do grupo de pesquisa e passando por um processo (contínuo) de abstração da teoria. O desejo de prosseguir pesquisando nos impulsionou ao mestrado. Com o objetivo de dá continuidade às pesquisas iniciadas na IC, resolvemos escolher duas entre as três unidades que não foram analisadas. Assim, chegamos ao objeto de estudo dessa dissertação: as unidades lexicais *novo* e *velho*.

Inicialmente, nosso objetivo era realizar uma análise da construção de sentidos das unidades lexicais *novo* e *velho* em diferentes enunciados, buscando estabelecer as suas identidades através da diversidade de sentidos em suas ocorrências. Para se chegar a uma identidade seria necessário analisar cada cotexto das ocorrências das unidades lexicais *novo* e *velho* em enunciados, tanto quanto trabalhar com a representação semântica dessas unidades, isto é, a forma esquemática, a qual se volta para a descrição dos empregos e valores de uma unidade sem, todavia, corresponder a um valor x. Dessa maneira, nos aproximando das pesquisas desenvolvidas por Santos (2013), Luz (2013) e Silva (2015).

No entanto, ao considerarmos o fato de que estamos trabalhando com duas unidades categorizadas pelo viés estruturalista como opostas, nos encontramos diante de uma outra problemática, em que nos concentraremos nessa dissertação, que consiste na estabilidade fixa atribuída às relações de opositividade entre *novo/velho*. Entre as pesquisas já desenvolvidas pelo GETOE, como vimos, Silva (2014) e Araújo (2016) pontuaram, de maneira incipiente, alguns observações sobre as relações de opositividade entre falso/fiel e cobrir/descobrir, respectivamente. Conforme afirma Vilela (1994), em uma perspectiva estruturalista, as relações de opositividade ou contraste são vistas como inerentes a língua, isto é, constituem um traço essencial das línguas conhecidas e podem ser definidas com bastante exatidão.

Para Lyons (1977), o termo técnico para a opositividade entre lexemas é a antonímia. Assim, *novo* e *velho*, por essa perspectiva, têm em comum o fato de dependerem da dicotomização. Lyons (1977) explica que existem diferentes modos

de relações de contraste e, por essa razão, faz uma distinção entre os tipos. Existem os contraste binários ou dicotômicos e os contraste não binários. De um lado, os contrastes binários são divididos em antonímia, complementaridade, reciprocidade e oposição direcional, e os contrastes não binários, de outro lado, são divididos em conjuntos ordenados e conjuntos ordenados ciclicamente<sup>1</sup>. A antonímia ainda pode ser compreendida por:

Designar uma relação de contrário aplicável apenas ao domínio lexical e definida por oposição à relação, mais antiga, de sinonímia. É, por sinal, esse último termo que serviu de padrão para formar, em meados do século XIX, a classificação técnica de antonímia. Dessa forma, dizer que largo é o contrário de estreito vem do conhecimento de que há entre esses dois vocábulos uma relação derivada da noção comum, amplamente intuitiva e vaga, de contrário. Declara largo e estreito antônimos, por sua vez, é estabelecer entre esses dois termos uma relação expressamente de ordem lexical (TAMBA-MECZ, 2006, p. 119).

Além de ser definida como uma relação de contrário de ordem lexical, a antonímia é caracterizada por Tamba-Mecz (2006, p. 120), através de quatro tipos regulares de funcionamento, são eles: (1) Associação entre unidades lexicais sem relação entre si, por exemplo, longo/curto; (2) Associação de uma forma lexical e sua própria negação, por exemplo, essencial/não essencial; (3) Associação de uma forma simples à mesma forma prefixada, por exemplo, possível/impossível; (4) Associação de formas compostas que apresentam uma parte semelhante e outra parte diferente, por exemplo, pró/antiamericano, americano-filo/fibo.

Cançado (2013) concorda que definir a antonímia somente como uma oposição de sentido não é suficiente e elenca três tipos de relações de oposição ou antonímia. A primeira é a antonímia binária, que consiste em pares de palavras que quando uma é aplicada a outra não pode ser aplicada, por exemplo, morto/vivo, móvel/imóvel e igual/diferente; o segundo tipo é denominado inverso, que consiste na descrição de uma relação entre dois objetos ou pessoas por uma palavra e uma outra palavra faz o mesmo processo de descrição em uma ordem inversa, por exemplo, pai/filho e menor que/ maior que; e, por último, o terceiro tipo é conhecido como gradativo. Para serem consideradas antônimas duas palavras precisam estar

---

<sup>1</sup> Discorreremos de maneira mais ampliada sobre esses aspectos na primeira seção do capítulo dois desta dissertação.

em pontos terminais de uma escala contínua de valores, onde a negação de um termo não implica a afirmação do outro, por exemplo, quente/frio e alto /baixo.

De acordo com Palmer (1976), em uma discussão sobre as palavras como unidade semântica, o significado não depende propriamente da palavra, entretanto, das relações que estabelecem uma com as outras. Ora, se o significado não depende necessariamente da palavra podemos falar em relação de oposição fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*? Tanto Palmer (1976) quanto Lyons (1977) afirmam que o conceito de sentido está relacionado com a distinção estabelecida entre o próprio sentido e referência. Partindo do pressuposto que a referência consiste em um fenômeno que depende do enunciado e suas relações com o extralinguístico, isto é, se o sentido é construído com base na referência que é exterior a língua seria possível ainda falar em relações de opositividade fixa entre *novo* e *velho*? E, se considerarmos as unidades lexicais *novo* e *velho* fazendo parte de um processo de construção de sentidos que depende da interação estabelecida uma com outras unidades no enunciado, ainda seria possível falar de relação de opositividade fixa?

É válido destacar que Lyons (1977) faz uma relevante observação ao frisar que para Trier<sup>2</sup> o contrário se encontra de alguma maneira presente na mente do enunciador e do co-enunciador durante o ato da enunciação. Lyons não se posiciona acerca disso, mas afirma que é uma questão psicológica e mais relevante para uma construção do comportamento linguístico do que para a análise do sistema linguístico. Se partimos do ponto de vista culioliano e considerarmos a enunciação um conjunto de mecanismos de linguagem implicados na construção do processo de significação e o enunciado como um produto em construção, essa ideia de opositividade fixa não se sustenta, pois para Culioli (1990), constitui-se uma ilusão pensar em oposição termo a termo. Levando em consideração a afirmação de Trier e baseado na TOPE e nas concepções de enunciação e enunciado apresentadas anteriormente podemos dizer que o contrário pode estar, não na mente do enunciador ou co-enunciador, mas na enunciação, o que queremos dizer como isso? Queremos dizer que uma relação de oposição pode ser construída através dos valores estabilizados localmente no enunciado e nunca termo a termo de maneira fixa.

---

<sup>2</sup> Jost Trier foi um linguista germânico alemão que postulou a ideia de Campo semântico.

Encontraremos a oposição entre as unidades lexicais *novo* e *velho* quando nos propomos a observar a construção de sentidos em uma situação enunciativa singular<sup>3</sup>? Quais aspectos distanciam ou aproximam as unidades lexicais *novo* e *velho* da construção de uma relação de oposição? Essas questões nortearam nossa pesquisa e, assim, temos como objetivo geral demonstrar que não existe uma opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*. Para alcançar esse objetivo, elaboramos os seguintes objetivos específicos:

- a) Descrever o funcionamento semântico-enunciativo da unidade lexical *novo*;
- b) Empregar a unidade lexical *velho* em substituição a unidade lexical *novo* nos mesmos enunciados;
- c) Especificar quais aspectos aproximam ou distancia as unidades lexicais *novo* e *velho* de uma relação de opositividade localmente construída;

Partimos da hipótese, ancorados na TOPE, de que toda e qualquer relação de opositividade entre as unidades lexicais *novo* e *velho* é construída localmente no enunciado. Pois defendemos que as unidades lexicais são entidades que não possuem sentido pré-estabelecido, que lhe seja próprio, mas sim um potencial enunciativo que em uma dinâmica de interação estabilizam temporariamente um determinado sentido, ou seja:

O sentido das unidades constrói-se no e pelo enunciado, ao mesmo tempo em que eles determinam o sentido desses enunciados. Não há sentido próprio e sentido derivado por metáfora: o valor bruto da unidade é sempre um valor abstrato, uma época, não uma designação, é um potencial e não um conteúdo (FRANCKEL, 2011, p. 23).

Nesta dissertação, refutamos a posição de que uma unidade possua sentido estável, que lhe é próprio, independente do enunciado. Defendemos que o sentido de uma unidade não é estabelecido por si só, contudo alicerçado nas relações que ela mantém com os demais termos que a rodeiam no enunciado, isto é, no ambiente

---

<sup>3</sup> Por situação enunciativa singular, entendemos enunciados com sentidos local e temporariamente estabilizados.

textual em que se encontra inserida. Advogamos que a constituição de sentido resulta de uma dinâmica de interação que implica o cotexto e o contexto.

De acordo com Franckel (2006), o cotexto diz respeito a uma palavra ou uma sequência de palavras que age diretamente sobre o sentido da unidade lexical em pauta. Existe uma relação de dependência entre a unidade lexical e o ambiente de sua ocorrência no enunciado, dessa forma, o cotexto em que se insere uma dada unidade encaminha à variação de sentidos. E o contexto consiste em uma espécie de filtros convocados pela própria unidade, gerado pelo próprio enunciado, isto é, não constitui um conjunto de dados externos a uma sequência. É necessário distinguir contexto em viés pragmático e contexto em viés construtivista, vejamos:

Pragmático: o contexto ou situação consiste em um conjunto de condições e efeitos particulares do proferimento em um momento e em um ambiente extralinguístico dados. A ênfase é colocada sobre o caráter circunstancial da atividade significante.

Construtivista: a contextualização (ou realização) de uma sequência fundamenta-se apenas na natureza e no agenciamento das formas linguísticas que a compõem, independentemente das condições efetivas de seu proferimento, das intenções pressuposta do locutor e das relações de interlocução; focaliza-se, assim, o caráter estável e repetível da contextualização e da interpretação (FRANCKEL, 2011, p. 108).

Após efetuada tal distinção, reafirmamos o caráter construtivista da nossa pesquisa e o conceito de contexto como não exterior ao enunciado, no entanto, oriundo do próprio enunciado como uma condição para a sua interpretação.

Por uma opção metodológica coletamos somente enunciados com ocorrência da unidade lexical *novo* para a constituição do nosso corpus. Dessa maneira, coletamos 100 ocorrências da unidade lexical *novo* do meio eletrônico denominado *Corpus do Português*<sup>4</sup>. A escolha do mesmo deu-se pelo fato de conter uma base de dados com cerca de um bilhão de palavras de páginas da web, o que nos possibilitou um contato com diversos usos da unidade lexical *novo* em diferentes relações cotextuais. Coletamos também 4 ocorrências da unidade lexical *novo* de outros sites, os quais serão identificados em notas de rodapé no capítulo três dessa dissertação, onde apresentamos nossas análises.

---

<sup>4</sup> <http://www.corpusdoportugues.org/>



Depois de um processo de seleção entre os enunciados coletados, analisamos 18 enunciados com ocorrências da unidade lexical *novo*. No decorrer das análises fizemos um procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* em um mesmo enunciado o que originou outros enunciados. Ao todo foram elaborados 18 enunciados oriundos desse processo de substituição, totalizado 36 enunciados analisados.

Temos com suporte teórico- metodológico a TOPE, por essa razão nossa metodologia de análise se baseia na atividade de manipulação e reformulação de enunciados proposta por Franckel (2011). Temos como princípio de análise a prática de elaboração de glosas, isto é, um modo de parafraseamento com objetivo de promover reformulações minuciosas e controladas com vistas à identificação dos processos enunciativos de construção de sentido de *novo* e *velho* e a construção ou não de uma relação de oposição entre essas unidades. Isto posto, podemos dizer que:

A noção de glosa fundamenta-se no postulado de que a língua constitui um sistema autônomo, munido de uma organização própria, que só é apreensível por meio de si mesma, nas suas manifestações formais. As formas da língua tornam possíveis sua própria formalização em uma reduplicação incessante, mas constituída como lugar de ressonância e de raciocínio (FRANCKEL, 2011, p. 129).

As glosas não decorrem de palavra por palavra, entretanto, só podemos ter glosas de sequências e de enunciados, uma vez que uma glosa se centra em uma unidade na interação com as demais unidades. Como pontua Culioli (1990), o processo de ir e voltar diversas vezes no enunciado em busca dos observáveis é o que fundamenta o princípio de nossas análises.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, além dessa introdução e considerações finais. Vejamos nos parágrafos a seguir do que trata cada capítulo detalhadamente.

No primeiro capítulo, intitulado *A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli*, situamos nosso arcabouço teórico, dissertamos, como o título sugere, acerca de alguns princípios da TOPE. O capítulo se inicia como uma apresentação das investigações enunciativas de Antoine Culioli e sua concepção de linguagem com uma atividade tripla, isto é, uma atividade de representação, referenciação e regulação. Discorreremos também sobre as

concepções de Noção, Ocorrência, a estrutura do Domínio Nocial, o processo de constituição do enunciado e as operações de determinações.

No segundo capítulo, intitulado *A Construção de Sentido das Unidades Lexicais*, apresentamos, inicialmente, a visão estrutural das relações de sentido entre as unidades lexicais discorrendo sobre Polissemia, Sinonímia e Antonímia; e, posteriormente, com base em Vogüé, Franckel e Paillard (2011), dissertamos sobre a construção de sentido das unidades lexicais e a própria relação de sentido em uma perspectiva construtivista. O intuito da apresentação da perspectiva construtivista em oposição à estruturalista é apresentar a distância existente entre essas duas perspectivas e evidenciar o aporte teórico que confere sustentação aos nossos questionamentos e, conseqüentemente, a nossa pesquisa.

No terceiro capítulo, intitulado *Um estudo da construção das relações de oposiitividade entre as unidades lexicais novo e velho*, reafirmamos, em um primeiro momento, nosso suporte teórico-metodológico, bem como pontuamos nossos procedimentos metodológicos; e, em seguida, evidenciamos nossas análises e discussão sobre a construção de relação de oposição, ou não, entre as unidades lexicais *novo* e *velho*; e, por último, delineamos uma síntese das análises realizadas.

Nas considerações finais, fazemos uma retomada aos principais aspectos desta dissertação como o nosso objetivo, o suporte teórico, aspectos metodológicos e, principalmente, as questões norteadoras que impulsionaram a realização desta pesquisa com intuito de apresentar algumas reflexões.

## 1 A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS DE ANTOINE CULIOLI

L'une des caractéristiques fondamentales de La Théorie des Opérations Énonciatives est une volonté affirmée de définir précisément quels doivent être à fois l'objectif et La démarche de toute recherche linguistique<sup>5</sup> (GILBERT, 1993, p. 63).

Apresentamos aqui, de maneira sucinta, alguns conceitos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE) com os quais operaremos neste estudo e que estão na base da representação metalinguística. Ressaltamos que ao longo do trabalho, sempre que a descrição explicativa do enunciado e dos seus valores exigir, serão inseridos outros conceitos que não estejam contemplados nesta breve introdução do quadro teórico.

### 1.1 Situando as investigações enunciativas de Antoine Culioli

Com intuito de delinear os estudos linguísticos realizados em sua época, Culioli (1990), em seu texto *La Linguistique: de l'empirique au formel*, constrói um panorama assinalando alguns problemas e métodos da área. Dessa forma, apresenta três aspectos necessários para a Linguística, a saber: (01) o lugar da Linguística enquanto ciência; (02) linhas metodológicas e o objeto de estudo; (03) a linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais e da diversidade de textos.

Para situar o lugar da Linguística enquanto ciência, Culioli (1990) expõe que, durante muito tempo<sup>6</sup>, o campo se organizou a partir de heranças como, por exemplo, a herança saussureana, na Europa. Nessa perspectiva, os estudos linguísticos tinham como objetivo o estudo da língua em um campo ideal construído com base em línguas específicas. Através de uma ruptura com essa herança

---

<sup>5</sup> Uma das características fundamentais da Teoria das Operações Enunciativas é uma vontade afirmada de definir precisamente quais devem ser, ao mesmo tempo, o objetivo e a abordagem de toda pesquisa linguística (GILBERT, 1993, p. 63). (Traduzido por Andreana Carvalho de Barros Araújo)

<sup>6</sup> Culioli faz referência ao período posterior a segunda guerra mundial.

européia e, ao mesmo tempo da sua manutenção enquanto núcleo, várias disciplinas nasceram, isto é, sugeriram setores de investigação linguísticos distintos.

Assim, nos anos sessenta, temos o surgimento da Psicolinguística, Sociolinguística, Análise de Discurso e Linguística Aplicada. A Psicolinguística criou um vínculo entre a Linguística e a Psicologia, principalmente a Psicologia Cognitiva. A Sociolinguística é retratada por Culioli (1990, p 9), como “um setor complexo, onde se mesclam investigações muito variadas que vão desde os problemas das línguas em contato até a alfabetização”. Já a Análise de Discurso é retratada com um campo distinto dos demais, dado o entrecruzamento com a Filosofia da Linguagem, a Pragmática, a Argumentação e a Antropologia Cultural. E, por último, a Linguística Aplicada, compreendia tanto área da didática das línguas como o processamento automático das línguas.

Esta evolução levantou um problema da articulação entre uma investigação voltada para as línguas em suas especificidades e uma investigação voltada para a atividade de linguagem. Pois, considerar a atividade de linguagem implica a construção de um objeto complexo e heterogêneo.

Para Culioli (1990), o termo linguística passou por uma dissolução semântica, pois campos como a Filosofia da Linguagem, a Pragmática, Análise de Discurso entre outros se articulam imprudentemente com vários campos, os quais só têm a linguagem em comum. Assim, a linguística, segundo o panorama de Culioli (1990), passa por enfraquecimento da importância da relação entre a linguagem e as línguas naturais.

A linguística é vista como uma área mal centrada, uma comunidade dividida. Culioli (1990) defende que essa visão é injusta, uma vez que não se considera a complexidade do campo. Segundo afirma Paveau (2006), uma das particularidades de Culioli é fundamentar seu trabalho teórico sobre uma reflexão de ordem epistemológica, assim retomando a questão da natureza da linguística e de seu objeto, ele sustenta sua concepção de ciência da linguagem e das línguas sobre postulados constantemente reafirmados no conjunto de seus trabalhos. A TOPE ou TFE (Teoria Formal Enunciativa) possuem uma caráter epistemológico e metodológico:

Sob o ponto de vista da epistemologia, a TFE disponibiliza-se para discutir os conceitos da linguística actual, centrando a atenção na

diversidade das línguas, procurando os invariantes e definindo fronteiras entre os diferentes domínios do saber. Metodologicamente, esta teoria encara a complexidade das manifestações linguísticas como um todo, a partir da proposta de um programa de trabalho que de conta de um conjunto de operações abstractas, evidentes nos textos através de marcadores específicos disponíveis em cada língua. Como princípio, as propostas da TFE não constituem um modelo, no sentido rígido do termo, mas um programa de trabalho. Esta precisão implica procedimentos metodológicos que devem ser observados: construir problemas, definir objectivos precisos, dar conta desses objectivos tendo em vista as sequências linguísticas produzidas e reconhecidas por falantes de uma dada língua, ou de diferentes línguas (CORREIA, 2002, p. 23).

Culioli (1990) advoga que o objeto de estudo da linguística é a atividade de linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais. Ele concebe a atividade de linguagem como uma atividade de produção e reconhecimento de formas, ou seja, uma atividade de representação de significação, a qual só é acessível através das sequências textuais, mediante os arranjos de marcadores que são traços de operações implícitas.

Culioli (1999a) justifica sua definição de atividade de linguagem argumentando que a mesma se constitui como a capacidade cognitiva de representar, referenciar e regular e que proporciona ao ser humano a construção de significação por intermédio das línguas. Nas palavras do teórico:

Il faut alors concevoir que l'activité de langage ne consiste pas à véhiculer du sens, mais à produire et à reconnaître des formes en tant que traces d'opérations (de représentation, référencement et régulation). La signification n'est donc pas véhiculée, mais (re)-construite<sup>7</sup> (CULIOLI, 1990, p. 26).

O programa de trabalho culioliano, ou teoria dos observáveis, tem como intuito encontrar as invariantes que fundamentam e regulam a atividade de linguagem em toda sua riqueza e complexidade. Diante disso, podemos salientar que representação é um complexo de múltiplos níveis de operações de ordem  $n$ , a qual possui como base uma operação primitiva fundamental chamada de operação de localização. Para Culioli (1990), a relação de localização é sempre binária, pois

---

<sup>7</sup> É preciso, então, conceber que a atividade de linguagem não consiste em veicular sentido, mas em produzir e em reconhecer as formas enquanto traços de operações (de representação, referenciação e regulação). Portanto, a significação não é veiculada, mas reconstruída (CULIOLI, 1990, p. 26). (Traduzido por Andreana Carvalho de Barros Araújo)

dizer que X está localizado em relação a Y, significa dizer que X está situado com referência a Y e que Y localiza X.

A seguir, apresentamos os processos languageiros de construções e reconhecimento de formas, os quais são considerados por Culioli como capacidades cognitivas inatas.

## **1.2 Atividade de Representação, Referenciação e Regulação**

Levando em consideração a construção de significação, para Culioli (1990), a linguagem pode ser concebida como uma atividade tripla, isto é, uma atividade de representação, de referenciação e de regulação. Valentim (1998) salienta que esses três aspectos são distintos apenas do ponto de vista teórico. Vejamos cada um a seguir.

### **1.2.1 Atividade de Representação**

A Atividade de representação consiste em uma ação individual e psicológica, uma vez que cada indivíduo possui um modo particular de experienciar o mundo físico e mental. De acordo com Culioli (1990), a atividade de representação contempla três níveis: o nível das representações mentais, o nível das representações linguísticas e o nível das representações metalinguísticas.

O nível 1 é aquele das representações mentais (de ordem cognitiva e afetiva). Esse é o nível nocional, ao qual não temos acesso diretamente, mas cuja existência deve ser integrada à elaboração teórica em linguística. Como explica Culioli (1990):

Le niveau I est un niveau de représentation, où représentation renvoie à la représentation mentale (Il s'agit de cognition: quand jê partie de cognition, j'entends le terme au sens large. L'affect fait partie de cognition; il n'y a pas d'un côté le cognitive qui serait du domaine de la rationalité explicite, et l'affectif qui serait le lieu des sentiments et de l'imagination débridée...). Il s'agit donc, à ce niveau, de représentations qui organisent des expériences que nous avons élaborées depuis notre plus jeune enfance, que nous construisons à partir de nos relations au monde, aux objets. À autrui, de notre appartenance à une culture, de l'interdiscours dans lequel nous baignons<sup>8</sup> (p.21).

---

<sup>8</sup> O nível 1 é um nível de representação no qual representação se refere a representação mental (trata-se de cognição: quando eu falo de cognição, eu entendo o termo no sentido

Conforme o teórico, o nível 1 corresponde à organização cognitiva de nossas representações mentais, o acesso a esse nível se dá por meio do nível 2, aquele das representações linguísticas, considerado por Culioli como representação do nível 1.

O nível 2 é o nível das representações linguísticas, constituído pelos traços residuais da atividade de representação do nível 1. As operações entre esses dois níveis não correspondem a um jogo fixo, em que cada termo equivale a um determinado valor ou operação. Para o teórico, as formas linguísticas não são etiquetas lexicais ou sintáticas. Tratam-se de traços de operações cognitivas. Culioli argumenta que:

Au niveau II, nous avons des représentations que j'appellerai linguistiques, et qui sont la trace de l'activité de représentation de niveau I. On a donc des représentants au second degré et des agencements de représentations, mais il n'y a pas relation terme à terme entre les représentations de niveau I et les représentations de niveau II<sup>9</sup> (CULIOLI, 1990, p. 22).

O nível 2 é o objeto de análise do linguista. Conforme observa Culioli não há relação termo a termo entre as representações do nível 1 e as representações do nível 2, isto é, para ele não temos uma relação biunívoca entre as representações mentais (nível 1) e as representações linguísticas (nível 2).

Por último, o nível 3, é o nível da construção explícita das representações metalinguísticas. Advém da atividade de análise das línguas naturais, procedimentos de teorização e formalização com intuito de descrever fenômenos e investigar as

---

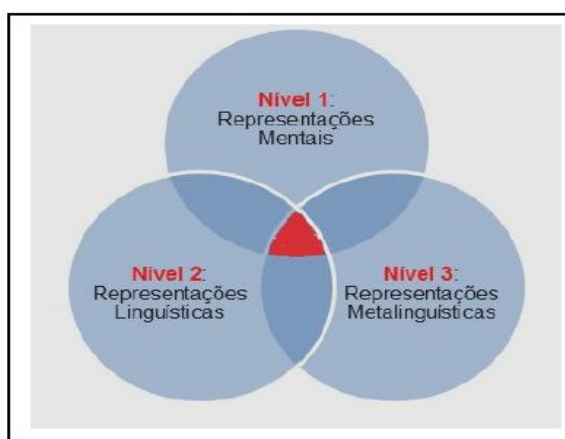
amplo. O afeto faz parte da cognição; não há de um lado o cognitivo que seria do domínio da racionalidade explícita, e o afetivo que seria o lugar dos sentimentos e da imaginação desenfreada...) Trata-se, nesse nível, de representações que organizam experiências que nós elaboramos desde nossa mais tenra infância, que nós construímos a partir de nossas relações com o mundo, com os objetos, com os outros, de nosso pertencimento a uma cultura, do interdiscurso no qual nos inserimos (p.21). (Traduzido por Andreana Carvalho de Barros Araújo)

<sup>9</sup> No nível 2, temos representações que eu chamarei de linguísticas e que o traço da atividade de representação de nível 1. Temos, portanto, representantes em segundo grau e agenciamentos de representantes, mas não há relação termo a termo entre as representações de nível 1 e as representações de nível 2 (CULIOLI, 1990, p. 22). (Traduzido por Andreana Carvalho de Barros Araújo)

invariâncias das línguas naturais. Culioli (1990) observa que não tivemos um período galileano. Isso implica que o linguista necessita trabalhar de forma mais rudimentar, uma vez que não possui um instrumento e ou dispositivos experimentais que reúnam um conjunto de investigações preliminares. Cabe, então, ao pesquisador produzir observações e efetuar cálculos, isto é, operar fora das suas intervenções subjetivas.

O nível 3 está em uma relação de correspondência com o nível 2. É o nível em que se torna possível determinar as relações entre os níveis 1 e 2 e, assim, reconstruir uma simulação das operações do nível 1. No entanto, há uma relação unívoca entre cada nível. Como forma de síntese, vejamos o esquema a seguir:

**Figura 1:** Atividade de linguagem - Representação



**Fonte:** Holanda (2017).

Como é possível observar na imagem acima, a interseção entre os círculos evidencia que os níveis 1, 2 e 3 da atividade de representação não correspondem a um sistema modular de processamento mental. Conforme afirma Rezende (2000), a atividade de linguagem não faz distinção entre o conhecimento linguístico e o extralinguístico, uma vez que tudo está sujeito à atividade simbólica existente nos seres humanos. Vejamos, no próximo, tópico, a atividade de referenciação.

### 1.2.2 Atividade de Referenciação

De acordo com Culioli (1990), a operação fundamental que alicerça o processo linguístico é a de localização (repérage). Culioli sustenta que um objeto



linguístico só adquire forma e valor por intermédio de um esquema dinâmico que o localize em relação a um sistema de coordenadas enunciativas. Quando o objeto é localizado ou encontra um site significa ser estabilizado. Todavia, essa estabilidade é construída a cada instância sem se fixar permanente por conta da deformidade da língua.

A atividade de referenciação diz respeito a um conjunto de localizações entre o enunciado, a situação enunciativa e a relação predicativa, a qual envolve as coordenadas intersubjetivas entre enunciador e coenunciador que constroem e reconstroem valores referenciais.

Costa (2012) enfatiza que, para Culioli, ao enunciarem, os sujeitos constroem um sistema referencial intersubjetivo, por intermédio do qual serão localizados os objetos metalinguísticos construídos e reconstruídos na atividade de representação.

Destarte, o processo de referenciação pode ser definido como uma relação entre os elementos do nível 1 e do nível 2. No entanto, não podemos compreender a referenciação como uma relação entre coisas e nomes, e sim como uma operação de localização. Culioli (1999) afirma que a ideia básica é de que um objeto adquire uma forma e um valor somente por meio de um esquema dinâmico de localização.

Por último, a atividade de regulação, tão necessária quanto às demais.

### **1.2.3 Atividade de Regulação**

A atividade de regulação concentra-se na construção de ajustamentos entre os sujeitos da enunciação, nos planos de representação e de referenciação. De acordo com Culioli:

Regulation plays a central role in language activity: (1) the system is self-regulated through the subjects'unconscious (as well as conscious) reflexion on their own language activity, hence a never-ending transforming and deforming process; (2) intersubjective regulation consists in adjusting frames of reference and representations, in validating an utterance with respect to a state of affairs or a class of states of affairs [...] <sup>10</sup>(CULIOLI, 1990, p. 181).

---

<sup>10</sup> Regulação representa um papel central na atividade de linguagem: (1) o sistema de autorregulação através da reflexão inconsciente (tanto quanto da consciente) em sua própria atividade de linguagem, portanto um processo de deformação e transformação sem fim; (2) a regulação intersubjetiva consiste no ajuste de quadros de referência e representações, validando uma relação com um estado de coisas ou uma classe de estado de coisas. CULIOLI, 1990, p. 181). (Traduzido por Andreana Carvalho de Barros Araújo)

Como visto, para Culioli (1990), a regulação desempenha um papel central na atividade de linguagem, dado que a adequação daquele que produz enunciados e a compreensão comprovada de quem recebe, reconhece, apreende e interpreta consiste em um problema importante.

Culioli (1985) exemplifica tal problema mostrando que em uma determinada situação enunciativa, **A** poderia dizer para **B**: isso é uma mochila. **B** então responde para **A**: eu chamo isso de toalha. O que **A** considere mochila, **B** considera uma toalha e, assim, surge a necessidade de ajustamentos, o que se dá pela ocorrência da noção.

Segundo Vogüé, Franckel e Paillard (2011), a enunciação coloca em jogo relações Interenunciativas ou pontos de vistas, os quais são posições enunciativas. Dessa maneira, nessa operação, o sujeito enunciador regula suas representações segundo as representações do seu coenunciador para que, dessa maneira, ocorra compreensão de ambas as partes. No exemplo anterior, **A** e **B** estão diante de uma noção /mochila/, mas ambos precisam fazer os ajustes para a efetivação da compreensão.

Para uma melhor compreensão das atividades de representação, referenciação e regulação, nas seções seguintes, entenderemos em que consiste a noção e o domínio nocional.

### 1.3 A Noção

Culioli (1990) afirma que a noção é um conjunto (feixe) de propriedades físico-culturais, isto é, um sistema complexo de representação das propriedades cognitivas. A noção constitui uma forma virtual de representação não – linguística da atividade simbólica, ligada ao estado de conhecimento e a atividade de elaboração de quaisquer experiências. Para Culioli (1990), a noção está situada na articulação do linguístico com o extralinguístico, isto é, trata-se de um nível híbrido de representações. Nas Palavras do teórico:

sont des systèmes de representation complexes de propriétés physico-culturelles, c'est-à-dire des propriétés d'objet issues de manipulations nécessairement prises à l'cultures et, de ce point de vue, parler de notion c' est parler de problémes qui sont du ressort de

disciplines qui ne peuvent pas être remanées uniquement à la linguistique<sup>11</sup> (CULIOLI, 1990, p. 50).

Segundo Franckel e Paillard (2011, p. 92), “A noção é em si própria indizível, sendo apreendida senão através das realizações particulares que são suas ocorrências”. Uma noção está continuamente sendo elaborada, por intermédio de um processo constante de regulação, até mesmo aquelas que são tidas como estabilizadas dentro de uma comunidade linguística.

Flores (2009) salienta que, para Culioli, existem, nesse nível de representação, cadeias semânticas de associações, em que se tem ramificações de propriedades estabelecidas pela experiência, armazenadas e elaboradas sob diversas formas. Tais ramificações de propriedades se organizam umas em relação as outras tendo como parâmetro fatores físicos, culturais e antropológicos, assim estabelecem o domínio nocional.

Para Culioli (1990), a noção é virtual e não disponível em todas as suas acepções, não correspondendo, diretamente, a um item lexical. Conforme ressalta Cumpri (2010), a noção para Culioli, é uma ocorrência das atividades mentais, as quais são identificáveis através do material linguístico. Não podemos confundir noção com o signo linguístico, uma vez que as noções constituem uma representação das ocorrências abstratas das línguas naturais.

De acordo com Culioli (1985), a noção é apreendida somente por meio das ocorrências linguísticas. Uma ocorrência consiste na realização particular de uma noção sob a forma de linguagem. Nessa perspectiva, temos acesso à noção por intermédio dos textos e, mais especificamente, pelas palavras. Todavia não existe uma relação palavra – noção. Há inadequações nessa relação.

Dessa forma, temos ocorrências que são trazidas de volta para um tipo que nunca é estabilizado e que já existe em comparação com outras noções e, a partir desse momento, somos capazes de construir ocorrências abstratas, uma vez que possuímos a capacidade representativa. Segundo Culioli (1985), por exemplo, uma criança sabe fazer muitas coisas antes de saber verbalizar. Por exemplo, rasgar um pedaço de papel, sem antes saber dizer: *veja, rasguei um pedaço de papel*. Mesmo

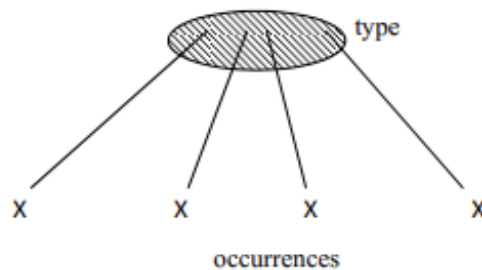
---

<sup>11</sup> São sistemas de representações complexas de propriedades físico-culturais, ou seja, propriedades de objetos resultantes de manipulações necessariamente tomadas na cultura e, desse ponto de vista, falar da noção é falar de problemas que são da alçada disciplinas que não podem ser trabalhadas apenas pela linguística. (CULIOLI, 1990, p. 50). (Traduzido por Andreana Carvalho de Barros Araújo)

que a criança, ou qualquer pessoa, não saiba como dizer uma determinada ação, já pode representá-la.

Vamos pensar na noção /animal/. Escutamos, em uma determinada situação, alguém chamar um animal de gato. Depois de algum tempo vemos, outro animal que alguém chama de gato. No entanto, era um rato. Em se dizendo que não é a mesma coisa, a diferença é introduzida. Vejamos o seguinte diagrama:

**Figura 2:** Tipo e Ocorrências



**Fonte:** Culioli (1985).

A experiência com a noção /animal/ nos dará a oportunidade de isolar propriedades, pois, como visto no diagrama, a partir da construção de uma noção tipo, teremos outras ocorrências. No exemplo anterior, temos a noção /animal/. Entretanto, as propriedades do primeiro animal <ser gato> são diferentes do segundo <ser rato>. A diferença contribui para a organização de uma noção tipo. Dito de outra forma, é estabelecida uma filtragem das propriedades que são relevantes para distinguir uma ocorrência de outra. Quanto a noção /animal/ estamos distinguindo qualitativamente dois tipos <o tipo gato> e <o tipo rato>.

No processo de construção de uma noção, certas propriedades eventualmente adquirem o poder de se configurar um tipo nocional em relação as demais propriedades. O tipo nocional não constitui uma ocorrência qualquer particular, e sim um ponto virtual, o qual não pode ser objetivamente localizado dentro do universo de referência.

#### 1.4 A ocorrência

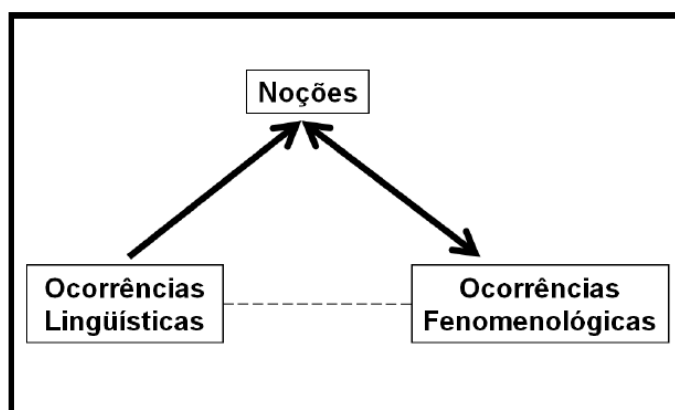
Segundo Culioli (1990), a ocorrência de uma noção pode ser contemplada sob três pontos de vista: o fenomenológico, o linguístico e o metalinguístico. Os três estão inter-relacionados. Do ponto de vista fenomenológico, as ocorrências dizem respeito à existência de objetos com os quais entramos em contato desde a infância. O linguista não tem nada a dizer dessas ocorrências, enquanto linguista.

As ocorrências fenomenológicas fazem referência a um universo de objetos ou inter-relações rígidas de objetos adquiridas culturalmente. Podemos pensar na ocorrência /casa/, por exemplo, lhe são associadas determinadas propriedades diferentes de /bolo / ou /cadeira /. As noções irão variar de acordo com as diferenças culturais.

Do ponto de vista linguístico, as ocorrências constituem a materialização da noção, isto é, de sistemas complexos de representação de propriedade físico-culturais, das propriedades do objeto obtidas por manipulações necessárias, tomadas no interior de culturas. De maneira mais simplória, as ocorrências linguísticas são os termos do enunciado. É produzida uma relação entre o posicionamento dos termos e as relações de localizações abstratas. Dessa imbricação de ocorrências temos um conjunto de valores distintos de uma mesma ocorrência.

Conforme frisa Correia (2002), a análise metalinguística de uma determinada ocorrência deve ser realizada levando em consideração os valores que estão presentes em cada enunciado, assim como o que os diferencia. Vejamos o esquema a seguir:

**Figura 3:** Esquema da relação entre a noção e suas ocorrências linguísticas e fenomenológicas



**Fonte:** Elaborado por Pria (2009).

Podemos verificar no esquema que são por meio das ocorrências que as noções são apreendidas. Para Culioli (1990) a encarnação de uma noção em forma de linguagem diz respeito a passagem para a materialidade e ao mesmo tempo para um sistema de referência. Temos acesso a materialidade por intermédio dos marcadores de operação:

O conceito de *marcador* vem aqui designar formas linguísticas, de nível 2, que são correlativas às noções de nível 1. Os representantes linguísticos são os traços materiais textuais das representações e das operações da passagem de 1 para 2. O linguista considera então, esses representantes como os mediadores do que está inacessível e “(...) o termo *marcador*, especifica Culioli, remete à *indicação perceptível de operações mentais*, que fazem passar do nível 1, do qual nós temos apenas a marca, ao nível II que é, precisamente, o local onde se agenciam as marcas sob forma de enunciados” Ele é, ainda, definido como “uma espécie de resumo, de concentrado de procedimentos que *desencadeiam* e *ativam* representações”. A tarefa do linguista também é a de “meta-representar graças a meta-operações as operações das quais esses marcadores são os representantes” (DUCARD, 2009, p. 76).

Por meio das formas linguísticas (marcadores), o linguista pode meta-representar as operações mentais realizadas na passagem do nível I para o nível II. Essa “passagem de uma representação mental, incorpórea, a uma atividade que permite referir corresponde a um “colocar em forma” a noção” (CULIOLI, 1990, p. 10), Culioli denomina quantificação (Nível metalinguístico).

### 1.5 A estrutura do Domínio Nocial

Segundo Culioli (1990, p. 54) “os domínios não são apreendidos senão através das ocorrências que permitem sua constituição”. O domínio nocial é o domínio das ocorrências de uma noção, isto é, consiste em uma classe de ocorrências estruturadas a partir de um centro organizador. Flores (2009), ao fazer uma nota explicativa, diz que para Culioli um domínio nocial tem, entre outras propriedades, as seguintes: primeira, de um ponto de vista quantitativo, ser munido de uma classe de ocorrências e, segunda, de um ponto de vista qualitativo, todo domínio nocial se compõe de um interior (com um centro organizador), uma fronteira, e de um exterior.

Para melhor descrevermos o conceito de Domínio nocional vamos aludir à construção da noção /cachorro/ por parte de um sujeito qualquer.

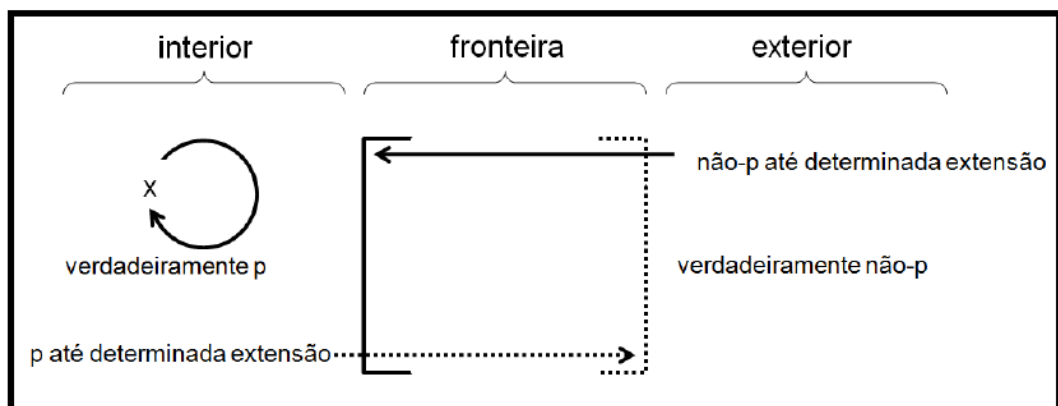
Ex.: Isso não é um cachorro.

Para se chegar a essa noção existe vários passos empíricos com o ser cachorro, como vê, toca e fazer referência como, por exemplo, *onde está o cachorro*; e, dessa maneira, podemos dizer: *o cachorro é um amigo*, e não dizer *esse cachorro é um amigo*. Para Culioli, como esse movimento passamos de ocorrência singular para uma noção de “ser cachorro”. Ao passarmos pelo predicado e dizermos 'ser um cachorro é ser amigo de ...' teremos 'um cachorro' como primeira característica, ou seja, qualquer ocorrência possível, imaginável é intercambiável, identificável em qualquer outra ocorrência; isso significa qualitativamente identificável.

Culioli (1985), nos afirma que o ser humano representa mentalmente o mundo por intermédio de suas experiências e verificações. Temos então a estabilização de uma noção, mas não uma finalização.

Segundo Culioli (1985), o domínio nocional é construído por intermédio de operações que fragmentam a classe de ocorrências de uma noção a partir de uma descontinuidade na vizinhança dos pontos. Essa fragmentação faz com que as ocorrências se distribuam em três regiões, as quais são: interior, fronteira e exterior; o que faz surgir um domínio nocional que possui como parâmetro uma topologia de identificação e diferenciação. Vejamos o esquema:

**Figura 4:** Esquema de conceito de domínio nocional



**Fonte:** Adaptado por Pria (2009)

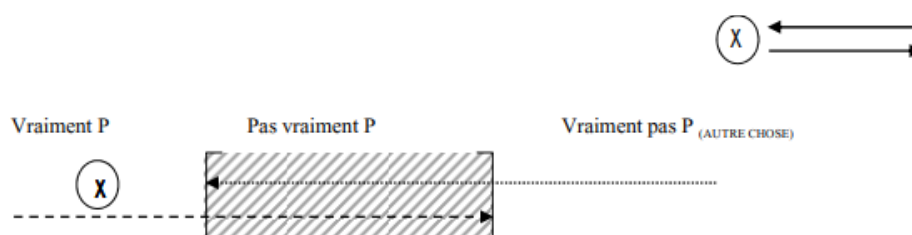
As ocorrências são localizáveis na fronteira, no interior ou no exterior do domínio de acordo a caracterização de diferenciação, assim como dependem de um gradiente de distanciamento com relação ao centro. Nas palavras de Rezende (2000):

O domínio nocional evoca a ideia de conteúdo de pensamento, por um lado, reunindo objetos de conhecimento e, por outro, colocando-os em relação para efetivamente representar uma certa relação entre eles. Essa relação será sempre aquela que o enunciador escolhe. Isso implica em um esquema: objetos são escolhidos, propriedades lhes são atribuídas, e finalmente o conjunto é composto, organizado, estruturado. O resultado vai se traduzir segundo uma certa composição de significações delimitadas em relação a outras (não delimitadas). Podemos, então, falar em fronteira, interior e exterior de um domínio. Tudo isso é focalizado em direção a um ponto de vista cognitivo, em direção a uma espécie de *centro* do domínio, que será o alto grau da noção. (REZENDE, 2000, p. 104)

O grau de conformidade em relação a um dos centros, e conseqüentemente o afastamento em relação ao outro, é determinado por um gradiente. Culioli (1985) argumenta que o gradiente tem a função de organizar as ocorrências em relação ao centro, aproximando ou distanciando. Os pontos são virtuais e não podem ser imprimidos de modo a determinar o momento exato em que ocorre uma transformação. Existe um ponto que funciona como atrator, em um ou outro sentido, porém escapa a uma localização precisa.

O gradiente é compreendido por Culioli como uma escala, uma representação de graus que, em um domínio nocional, faz orientações para o centro, ou orientações que se afastam desse centro. O gradiente é representado por Culioli da seguinte forma:

**Figura 5:** Gradiente



**Fonte:** Culioli (1985).



Para Culioli (1990), o interior fornece ocorrências que são ao mesmo tempo individuais e identificáveis umas com as outras, dado que todas possuem uma mesma propriedade. O centro organizador (ou atrator) surge, por exemplo, em operação de autoidentificação ou na tipificação. Vejamos os exemplos:

- a) Isso que é um cachorro;
- b) Um cachorro é sempre um cachorro mesmo;
- c) Um verdadeiro cachorro;
- d) Um cachorro cachorro.

O interior do domínio nocional diz respeito a um espaço aberto – processo de identificação ( $X_i$  é identificado com  $X_j$ ). Já O exterior fornece, conforme o caso, o vazio, a ausência. Vejamos os exemplos:

- a) Isso é totalmente diferente de um cachorro;
- b) Isso não é um cachorro;
- c) Isso não tem nada a ver com um cachorro.

O exterior do domínio resulta de um processo de diferenciação que pressupõe uma identificação anterior. Os valores exteriores ao domínio podem ser descritos como verdadeiramente não- $p'$ , totalmente diferente de  $p'$ , não tendo nenhuma propriedade em comum com  $p'$ .

A fronteira compreende valores que não pertencem nem ao interior, nem ao exterior, no entanto, conforme a ação dos enunciadores na construção dos enunciados, a fronteira poderá ser religada seja ao interior, seja ao exterior. O domínio nocional é um conjunto de virtualidades. Vejamos o exemplo:

Ex.: Isso não é bem um cachorro.

A área de fronteira é o lugar onde as ocorrências não homogêneas  $X_m$  e  $X_n$  evidenciam estados qualitativamente alterados da propriedade  $p'$ .

## 1.6 O Centro Organizador

De acordo com Culioli (1990), o centro organizador (CO) é o responsável pela construção de um polo de referência para a construção de representações. Isso significa dizer que há uma determinada ocorrência que possui o status de privilegiada, que funciona como centro organizador do domínio nocional.

Para o teórico, todos nós, temos em nossa atividade cognitiva a tendência de trazer de volta ao centro. O centro é o acordo mínimo que pode existir entre os interlocutores. Pensemos em uma ocorrência X, que estabelece uma relação com o centro organizador, de modo que ou X remete ao centro ou dele se diferencia. Vamos aos seguintes exemplos:

1. Isso é uma caneta.
2. A caneta está em cima da mesa

Nos exemplos 1 e 2 temos a ocorrência da noção /caneta/, de modo que nos dois casos /caneta/ remete ao centro organizador. No exemplo 1, /caneta/ exibe todas as propriedades do centro organizador.

O exemplo 2, há um consenso entre os enunciadores do seja caneta e mesa, dito de outra forma, não há mal-entendido, já que todas as ocorrências remetem para os centros que organizam os feixes de propriedades típicas. É válido ressaltar que para Culioli, tais propriedades são estáveis intersubjetivamente.

Até agora vimos exemplos em que a ocorrência da noção /caneta/ remete ao centro organizador de modo a se aproximar dele, em contrapartida, /caneta/ também pode exibir as propriedades do centro com a constatação de diferenças que são eliminadas porque o enunciador as anula provisoriamente. Vejamos os exemplos a seguir:

- 7.A caneta está em cima da mesa.
  - 7.1 Mas isso não é uma caneta, isso para mim é um lápis.
  - 7.2 Isso não é uma caneta, é uma obra de arte.

Os exemplos 7.1 e 7.2 evidenciam o que Culioli chama de regulação intersubjetiva, a qual consiste em um processo que impede uma estabilização definitiva de qualquer noção, nos casos dos exemplos a noção /caneta/. Podemos dizer que o exemplo 7 possibilitou a existência dos exemplos 7.1 e 7.2, os quais funcionaram como um sistema de aproximação do estabelecimento do valor conforme o centro organizador.

### **1.7 O Tipo**

De acordo com Culioli (1999b), a construção de uma classe de ocorrências nos permite dizer se determinadas ocorrências são ou não de uma mesma propriedade. Esse princípio tem como suporte uma dupla operação de identificação/diferenciação.

As operações de identificação/diferenciação correspondem a um conjunto de operações primitivas. Uma atividade de classificação, anterior a classificação. Para o teórico é como, por exemplo, colocar fios de lã preta de um lado e os fios de lã branca de outro.

O tipo consiste em uma ocorrência representativa ou privilegiada em uma classe de ocorrências, uma vez que possui as seguintes propriedades: é definível, isto é, expõe-se enunciativamente e está em conformidade com uma representação. Essa “ocorrência representativa” pode se definir enunciativamente sob formas tais como isso que eu chamo X, a ideia que eu faço de X, um verdadeiro X para mim (CULIOLI, 1999b, p. 12).

Culioli (1999b) ressalta que o tipo é a condição enunciativa para o ajustamento e regulação.

### **1.8 O Atrator**

O atrator é totalmente diferente do tipo, pois é uma ocorrência reguladora, que corresponde a um polo de referência do domínio nocional. É uma ocorrência imaginária, inacessível, que reuni todas as propriedades da noção em um alto grau. Conforme frisa Culioli (1999b), essa ocorrência constitui seu próprio termo de referência.

Para Culioli (1999b), existe uma diferença essencial entre o tipo e o atrator, pois o primeiro diz respeito a uma ocorrência representativa e o segundo corresponde a uma representação “abstrata e absoluta”.

### 1.9 O processo de construção do enunciado

De acordo com Culioli (1985), enunciar remete para a construção de um espaço, o estabelecimento de um quadro de valores, significa um sistema de localização. Assim, “construir um enunciado é estabelecer um sistema de relações (LIMA, 2000, p. 63)”. O processo de construção do enunciado envolve três momentos básicos, são eles: a constituição de uma *lexis*, isto é, a relação primitiva, a relação predicativa e a relação enunciativa. Explanaremos cada um a seguir:

#### 1.9.1 A *lexis*

Culioli (1990) afirma que a *lexis* constitui um esquema primitivo subjacente a todo ato de linguagem. Tal esquema é abstrato, constituído de três lugares vazios, representado sob a forma  $\langle 0 \ 1 \ \pi \rangle$ . Os lugares vazios são preenchidos por argumentos (argumento 1 e argumento 2, respectivamente) e o lugar vazio  $p$ , por um predicado.

A partir do esquema de uma *lexis* que se estabelecerá uma relação entre os termos, visto que o lugar ocupado por um termo depende das propriedades de cada termo, da compatibilidade das propriedades quando os mesmos são opostos em relação, e do objetivo do sujeito enunciator/co-enunciator.

O preenchimento do esquema de uma *lexis* acarreta uma relação primitiva de natureza semântica, que é estabelecida entre lexemas que possuem propriedades vinculadas a noção. Conforme frisa Lima (2000), a relação primitiva é tripartida, uma vez que trata-se de um esquema com três lugares vazios a serem preenchidos  $\langle R, X, Y \rangle$ .

Vamos tomar os seguintes termos do léxico (Maria, Escrever, Carta). Nesse caso, temos um ser humano (Maria) com potencial agentivo e um elemento inanimado resultante de um processo. É o esquema da *lexis* que irá estabelecer uma relação ordenada entre os termos dependendo das propriedades de cada termo. A partir da *lexis* (Maria, Escrever, Carta), constrói-se um enunciado tal como:

(1) Maria escreveu uma carta.

Como é perceptível, no enunciado (1) há uma relação orientada de escritor (Origem: Maria) em direção a um escrito (Objetivo: carta) estabelecida pelo predicado escrever. Como afirma Culioli (1999a) a *lexis* é um potencial, um gerador de famílias parafrásticas, ou seja, família de enunciados relacionados.

### 1.9.2 A relação Predicativa

A segunda etapa, a relação predicativa, diz respeito a organização dos elementos da *lexis* pelo sujeito enunciator/co-enunciator na direção de determinar em torno de qual termo o enunciado será organizado, ou seja, qual será o ponto de partida. É válido ressaltar que “não há uma correspondência entre a organização da *lexis* e a do enunciado, podendo vários enunciados possuir a mesma *lexis* (LIMA, 2000, p. 66)”. Culioli (1990) considera a relação predicativa como a redistribuição da *lexis*. Vejamos os enunciados a seguir:

- (1) Maria escreveu uma carta.
- (2) A carta foi escrita por Maria.
- (3) Há uma carta escrita por Maria.
- (4) Uma carta foi o que Maria escreveu.

Os enunciados (1), (2), (3) e (4), possuem a mesma *lexis* (Maria, Carta, Escrever). O sujeito enunciator que vai decidir, por exemplo, entre utilizar o enunciado (1) ou (2), tendo em vista que cabe ao mesmo tematizar um dos argumentos da *lexis* “Maria” ou “Escreveu”. Porém, essa decisão ocorre de maneira aleatória, acontece no âmbito da relação predicativa.

Cabe salientar que no momento em que o sujeito enunciator determina a organização do enunciado, três tipos de operação são acionada, são elas: operação de identificação, diferenciação e localização.

### 1.9.3 A relação Enunciativa

De acordo com Culioli (1985), as operações enunciativas não são dissociadas das operações predicativas. É considerada como um pacote de relações, haja vista que, de um lado, temos a relação enunciação – enunciado, que envolve o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado; de outro lado, temos o tempo da enunciação e o tempo do enunciado, os quais são diferentes. O tempo da enunciação consiste no momento da produção do enunciado e, o tempo do enunciado constitui o momento para o qual o enunciado remete.

A etapa da relação enunciativa, consiste no momento em que é acionado o esquema básico de uma interação verbal, isto é, quem enuncia? O que enuncia? A quem enuncia? Pois,

É a relação enunciativa que consolida a passagem de um pré-enunciado para um enunciado. Esta consolidação se dá por meio das operações de determinação, da aplicação das categorias de tempo, aspecto e das modalidades (LIMA, 2000, p. 69)”.

Em suma, a relação enunciativa configura um terceiro momento do processo de constituição de um enunciado.

### 1.10 Operações de Determinação

A operação de determinação consiste em um fenômeno da linguagem responsável por um conjunto de operações que possibilitam a presença de marcas que antecedem os nomes como, por exemplo, os artigos, pronomes demonstrativos, possessivos, indefinidos, exclamativos e interrogativos. “Ela constitui um conjunto de operações elementares aplicadas sobre a intenção e a extensão de uma noção (LIMA, 2000, p. 70)”.

Para Culioli (1990), a construção de extensão de uma noção ocorre através de uma operação de fragmentação responsável por uma classe de ocorrências p. Tal construção se dá por meio de uma operação de qualificação e quantificação representadas pelos operadores QLT e QNT.

A operação de quantificação remete para uma operação mediante a qual se constrói a representação de algo que se pode distinguir e situar em um espaço diferenciado.

A operação de qualificação entra em jogo todo momento em que e efetua uma operação de identificação e diferenciação referida a algo, tendo em vista que, para Culioli (1990), qualificar é ativar uma cadeia de operações.

Em, suma, para finalizarmos esse capítulo, recorremos a uma citação de Romero (2000), por meio da qual a autora sistematiza a concepção de Culioli sobre significação que é basilar para as nossas análises e o desenvolvimento dessa pesquisa em sua totalidade, vejamos:

Antoine Culioli é decididamente uma das vozes que mais discordam da maioria, e, diga-se de passagem, voz das mais eloquentes. Para esse linguista, a significação encontra-se no coração da língua. Dizer que as formas materiais significam é dizer então que não existem sentidos que sejam por elas construídos. Mais precisamente, é dizer no que se refere ao sistema semiológico linguístico, há sentido que não passam pelos enunciados, pela interação entre as diferentes unidades por meio das quais estes se efetuam (ROMERO, 2000, p. 40-41).

A significação para Culioli (1990, 1999a, 1999b) consiste no resultado de uma dinâmica de interação entre as unidades lexicais no enunciado, assim como o teórico refuta a ideia de um sentido dado, já pertencente a uma determinada palavra. Partindo dessa concepção de significação e da concepção de uma teoria dos observáveis postulada por Culioli e, destoando de uma perspectiva linguística estruturalista, é que somos direcionado ao próximo capítulo dessa dissertação, onde discorreremos acerca das relações de sentido entre as unidades lexicais.

## **2 AS RELAÇÕES DE SENTIDO ENTRE AS UNIDADES LEXICAIS**

As unidades não são diretamente portadoras de sentido em si mesmas, contribuindo, de maneira específica, para construir sentido em um determinado ambiente, uma vez que sua identidade não se caracteriza por um valor, mas sim, por um funcionamento (FRANCKEL e PAILLARD, 2011, p. 97-98).

Neste capítulo, apresentamos uma discussão sobre as relações de sentido entre as unidades lexicais. Essa discussão está dividida em duas partes. Na seção 2.1 apresentamos uma perspectiva estruturalista das relações de sentidos entre as unidades lexicais. Assim, essa seção está subdividida em três pontos, são eles: 2.1.1 polissemia, 2.1.2 sinonímia e 2.1.3 antonímia. Na seção 2.2 apresentamos a perspectiva construtivista das relações de sentido entre as unidades lexicais. Essa seção está subdividida em duas subseções, são elas: 2.2.1 os valores referências e 2.2.2 a identidade das unidades linguísticas.

### **2.1 Uma perspectiva estrutural das relações de sentido entre as unidades lexicais**

Segundo Palmer (1976, p. 42), sentido e referência estão estritamente relacionados. Por um lado, a referência se preocupa com a relação entre os elementos linguísticos e o mundo extralinguístico, e o sentido, de outro lado, se concentra no complexo sistema de relações que os elementos linguísticos, principalmente as palavras, estabelecem entre si.

Para Lyons (1977), o termo referência diz respeito a relação existente entre uma dada expressão e o que ela designa em situações singulares de sua enunciação, isto é, quando uma expressão é utilizada em uma dada situação e satisfaz as condições necessárias para se referir ao seu referente. Lyons (1977) distingue a referência em sete tipos, são eles: (1) Referência singular definida; (2) Referência, verdade e existência; (3) Sintagmas nominais definidos não referenciados; (4) Referência geral distributiva e coletiva; (5) Referência indefinida específica e não-específica; (6) Opacidade referencial e; (7) Referência genérica.

Embora tenhamos apresentados os tipos de referências destacados por Lyons (1977), não faremos o processo de descrição de cada um, pois iremos nos



centrar, precisamente, nas relações de sentidos entre as palavras o que constitui o foco da nossa discussão. Acerca do sentido, Lyons (1997) declara que consiste no termo utilizado por alguns filósofos que corresponde a significado cognitivo ou descritivo. A distinção entre sentido e referência ou ainda sentido e significado por ser também identificada com a distinção entre denotação e conotação.

Para Palmer (1976), uma grande parte dos nossos significados é interpessoal ou social, pois nos relaciona com outros significados. Isso pode ser verificado através de diferentes formas, dado que a linguagem não se restringe somente a fornecer informações. Palmer (1976, p. 48-50) comprova essa afirmação através de seis argumentos, são eles: (1) Como usuários da língua não nos limitamos em fazer afirmações, fazemos também perguntas, damos ordens; (2) Existe uma grande variedade de atos de fala, isto é, utilizamos a linguagem para influenciar de várias formas outras pessoas; (3) Muito do que dizemos constitui uma afirmação de valor como, por exemplo, estamos constantemente fazendo avaliações do tipo A é melhor que B; (4) A linguagem enfatiza os variados tipos de relações sociais. Quando utilizamos expressões como “bom dia” ou “como vai?” o intuito é estabelecer um contato social; (5) Não é preciso dizer exatamente aquilo que queremos como, por exemplo, o uso das entonações para insinuar o que não foi verbalizado e; (6) É necessário considerar as informações que queremos usar em um enunciado.

Conforme as informações supracitadas podemos afirmar que em uma perspectiva estruturalista o sentido das palavras, expressões e enunciados está em sintonia com as relações que são estabelecidas. Em um enquadramento estrutural essas relações são divididas, conforme Palmer (1997), em Sinonímia, Polissemia e Homonímia, Hiponímia, Antonímia e Componentes. Nas próximas seções, discorreremos, em sequência, somente sobre Polissemia, Sinonímia e Antonímia, dado a delimitação de interesse da nossa investigação.

### 2.1.1 Polissemia

Palmer (1976) afirma que falar de polissemia é, sobretudo, pensar nas diferenças de significados das palavras em relação. O que faz da polissemia um fenômeno complexo e difícil de delimitar. Podemos, inicialmente, dizer que uma mesma palavra pode corresponder a um conjunto de significados.

De acordo com Cançado (2013), a polissemia ocorre quando os possíveis sentidos de uma dada palavra considerada ambígua<sup>12</sup> possuem relações entre si. Para exemplificar esse conceito a autora nos dá exemplos com a palavra pé, a partir da qual temos expressões como: pé de fruta, pé de mesa, pé de cadeira. Nesses exemplos, o sentido de pé é basilar e, é recuperado em todos os outros sentidos das expressões dadas anteriormente, como uma espécie de fio condutor.

Palmer (1976) elenca três problemas em relação a esse conceito de polissemia. O primeiro problema é proveniente do fato que não é uma tarefa simples distinguir se dois significados são iguais ou diferentes e quantos significados podem ter uma determinada palavra. Como exemplo, o teórico nos apresenta o verbo comer, o qual o dicionário pode facilmente fazer a distinção entre o sentido tido como literal e os significados derivados tais como gastar e corroer. Mas ao invés de tratamos como derivados de comer, Palmer (1976) sugere que devemos trata-los como três significados divergentes.

O significado de comer está diretamente relacionado com o alimento que se come, desde modo, se pensarmos em sopa, temos tanto a expressão comer sopa, como a expressão beber sopa. Um dos sentidos de comer corresponder a beber, mas como propõe Palmer (1976), o problema consiste em saber se beber é ou não um significado comer, ou é apenas intersectado por ele. O fato é que devemos tentar encontrar todas as semelhanças de significado e não as diferenças, uma vez que não existem critérios estabelecidos para se distinguir as diferenças das semelhanças de significado entre as palavras.

O segundo problema proposto por Palmer (1976), consiste na seguinte questão: “será possível que há tipos de diferenças que aparecem com regularidade em relação ao significado de várias palavras” (p. 80). Um dos tipo de relação entre significados mais conhecido é a metáfora e, assim, podemos voltar nas expressões apresentadas por Cançado (2013) - pé de fruta, pé de mesa e pé de cadeira – nas quais temos um significado que foi transferido do significado literal de pé, membro do corpo humano. Para Palmer (1976), muitos adjetivos são utilizados literalmente para uma transferência de significado, servido com origem da qualidade.

---

<sup>12</sup> Para Cançado (2013, p. 70), a ambiguidade consiste em um fenômeno semântico que ocorre quando uma determinada palavra ou um grupo de palavras é relacionado a mais de um significado.

O terceiro problema alçado por Palmer (1976), constitui-se a partir do fato de que uma forma ter vários significados não implica seguramente que teremos um exemplo de polissemia, dado que também existem diversas palavras com o mesmo significado, o que configura uma homonímia. Em um dicionário uma palavra polissêmica possui somente uma ficha de entrada, à medida que em uma relação de homonímia há uma ficha de entrada diferente para cada palavra.

Segundo Palmer (1976), encontrar o núcleo ou significado central de uma palavra seria uma forma de tentar fazer a polissemia prevalecer sobre a homonímia, entretanto, é uma tarefa extremamente complexa saber se há um significado central ou nuclear de uma palavra. Temos como exemplo o verbo carregar, o qual suscita expressões como: carga elétrica e carga de cavalaria. Todas essas expressões se afastam uma das outras no que concerne ao significado, dificultando a identificação do núcleo central. Palmer (1976), até questiona se de fato é possível descobrir um significado nuclear de uma palavra, dado o processo constante de mudança das palavras no decorrer do tempo.

Em suma, a palavra é polissêmica quando possui de maneira natural vários sinônimos que correspondem de modo recíproco a cada um dos seus significados. Palmer (1976) afirma que podem existir razões formais que conduzem os estudiosos a reconhecerem a polissemia. Para fundamentar sua afirmação cita o exemplo da palavra francesa poli, que significa, tanto no sentido literal como no sentido transcrito, polido.

Vejamos na próxima seção as concepções de sinonímia.

### 2.1.2 Sinonímia

Para Palmer (1976), o termo sinonímia é utilizado para se referir a igualdade de significado entre palavras. Para os dicionaristas vários conjuntos de palavras têm o mesmo significado, isto é, são sinônimas. Mas não existem sinônimos integrais, pois as chances de sobrevivência de duas palavras com o mesmo significado são mínimas. Palmer (1976) argumenta que levando em consideração a existência de vários sinônimos possíveis, há, no mínimo, cinco formas de provar que são palavras com significados diferentes.

O primeiro argumento proposto por Palmer (1976), consiste em afirmar que alguns conjuntos de sinônimos pertencem a dialetos diferentes. Para confirmar seu

ponto de vista, o teórico apresenta como exemplo a palavra *fall*, que significa em português outono. *Fall* é utilizado somente nos Estados Unidos e em algumas regiões da Grã-Bretanha, em outras regiões de língua inglesa é usada a palavra *autumn*. Também temos as palavras relacionadas a agricultura como *cowhouse* e *byre*, que significam estábulo, o uso de uma ou outra varia conforme a região. Palmer (1976) afirma que esse grupo de palavras não é interessante para os estudos semânticos, dado que está relacionado apenas a uma questão de variação linguística e não ao fenômeno de sinonímia propriamente dito.

O segundo argumento de Palmer (1976), é parecido com o anterior, pois também diz respeito as palavras que são utilizadas nos diversos estilos ou diferentes tipos de registro, no entanto, é bem mais complexo. O teórico nos apresenta palavras semelhantes, com características estilísticas diferentes e que diferem de uma das outras pelo grau de formalidade. Temos assim as palavras como: cavalheiro/homem, falecer/morrer. Essas palavras apresentam um grau mais elevado de dificuldade, pois a distinção entre estilos é mais obscura do que entre dialetos geograficamente definidos. Assim:

O problema está em saber se devemos considerar a mudança de estilo como uma mudança de uma << língua >> para outra, ou como uma mudança dentro da mesma língua. Se optar pela primeira hipótese, os sinônimos estilísticos não terão, portanto, mais interesse que os sinônimos dialectais ou as palavras correspondente entre, por exemplo, o inglês e o francês. Se optarmos pela segunda, teremos de reconhecer que as diferenças estilísticas podem ser semânticas. É de certo modo aceitável o ponto de vista segundo o qual a mudança de estilo, para obter um determinado efeito, é uma característica semântica (PALMER, 1976, p. 75).

Segundo Palmer (1976, p. 76), se optarmos pela segunda hipótese, os sinônimos estilísticos não devem ser integrados a semântica e, dessa, maneira, o problema acerca do estilo deve ser objeto de uma investigação independente de uma perspectiva semântica.

O terceiro argumento de Palmer (1976), se centraliza na ideia de que algumas palavras se diferem entre si somente no que tange ao seu significado emotivo ou valorativo. O significado cognitivo, por sua vez, permanece inalterado. Palmer (1976) considera um erro, por três razões, a tentativa de separação do significado

emotivo ou valorativo do significado cognitivo. Primeiro, por não ser uma tarefa simples delimitar com exatidão o que é o significado cognitivo e defini-lo em propriedades físicas; segundo, existem palavras em inglês como, por exemplo, good (bom) e bad (mau) que são usadas tão somente com fins valorativo. Palmer (1976) acredita que essas palavras podem interessar mais aos filósofos moralistas do que a linguística; e, terceiro, a todo instante fazemos juízos de toda espécie e usamos outros termos, por exemplo gigante ou anão para julgar o tamanho de algo ou de alguém.

Palmer (1976), no seu quarto argumento, afirma que algumas palavras só ocorrem em conjugação com outras palavras. Dessa maneira, palavras como rançoso e choco sempre surgem ligadas a presunto e ovos, respectivamente. Isso parece que não está relacionado ao seu significado, mas com as palavras que estão associados. Poderíamos até dizer que essas palavras são sinônimos integrais, apenas discordando por ocorrem em enquadramentos distintos, contudo, para duas palavras serem sinônimas é preciso ocorrerem no mesmo enquadramento.

E, por último, no quinto argumento, Palmer (1976) admite que existem palavras com significados muito próximos que se inter-relacionam. Seria um sentido, de certa forma, de sinonímia. É justamente esse sentido que os dicionários apresentam. Podemos pensar no adjetivo desatento, a partir do qual podemos procurar sinônimos - abstraído, indiferente, imprudente, leviano, imponderado, aéreo, alheado, descuidado, distraído - obteremos, conforme defende Palmer (1976), um conjunto de palavras que nos conduzirá a outro conjunto e, dessa maneira, ficaremos cada vez mais distantes do significado primeiro da palavra. Uma solução para esse fenômeno seria o teste de substituição de uma palavra por outra dentro de uma mesma frase, assim como uma investigação dos opostos.

Com base nesses cinco argumentos de Palmer (1976) podemos afirmar que algumas palavras consideradas sinônimas são somente variações dialetais e, em alguns casos, variações estilísticas. Outras o que poderia ser considerado sinonímia está mais relacionado aos tipos de significado, emotivo, valorativo e cognitivo. Para que, de fato, haja algum tipo de sinonímia é necessário verificar se as palavras são sinônimas em um mesmo contexto particular.

Partindo agora de uma perspectiva referencial de estudos de propriedades semânticas, que se vale do valor de referência no mundo e do valor da verdade das

sentenças, a sinonímia é postulada como um fenômeno de significado que pode ser lexical ou ocorrer entre sentenças.

A sinonímia lexical ocorre entre palavras e expressões e definir esse relação consiste em uma questão bastante complexa que vem sendo objeto de investigação entre vários estudiosos da linguagem no decorrer dos anos. Segundo Cançado (2013), uma primeira definição para sinonímia poderia ser enquanto uma identidade de significados, mas essa é uma afirmação muito ampla e, como frisa a própria autora, exige um certo refinamento.

De acordo com Cançado (2013 apud Ilari e Geraldi, 1987), para duas sentenças serem sinônimas, não é suficiente que tenham as mesmas referências no mundo. Vejamos um exemplo adaptado de Cançado (2013):

- (1) Os alunos de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da UFPI.
- (2) Os alunos mais inteligentes da UFPI.

Se dissermos que os alunos de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da UFPI são os alunos mais inteligentes da UFPI, estaremos nos referido a um mesmo grupo de pessoas no mundo, todavia, Cançado (2013) argumenta que isso não é satisfatório para afirmar que as expressões (1) e (2) sejam sinônimas, dado que não possuem o mesmo sentido. Isso nos leva a compreender que ter a mesma referência, não consiste em uma condição satisfatória para que haja sinonímia. “Além de terem a mesma referência, é necessário, também que as expressões tenham o mesmo sentido” (CANÇADO, 2013, p. 47).

Por esse viés, duas sentenças têm o mesmo sentido quando fazem referência ao mesmo conjunto de fatos no mundo, isso implica que ou ambas têm que ser verdadeiras ou ambas têm que ser falsas. A sinonímia entre duas palavras ocorrem quando podemos fazer a substituição de uma pela outra em uma mesma frase sem que o grau de verdade ou falsidade seja alterado. Vejamos mais um exemplo:

- (3) Todo menino sonha virar homem um dia.
- (4) Todo garoto sonhar em virar homem um dia.

Nas duas sentenças anteriores, menino e garoto têm o mesmo sentido e referência. Mas existem determinados contextos em isso não se sustenta:

- (5) João não suporta ser chamado de menino, mas não se irrita bastante em ser chamado de garoto.
- (6) João não suporta ser chamado de garoto, mas se irrita bastante em ser chamado de menino.

Perceba que o grau de verdade e falsidade entre as sentenças (5) e (6) sofreu uma alteração, isso é decorrente da alteração do sentido e referência nas sentenças. Dessa forma, não podemos considerar as palavras menino e garoto sinônimas dentro desse contexto. Cançado (2013) advoga que é impossível falar em sinônimos perfeitos, o mais aceitável é dizer que existe sinonímia gradual, dado que as palavras sempre passam por algum tipo de singularização de uso.

A sinonímia entre sentenças ou paráfrase também é uma questão complexa. Para Cançado (2013), é o acarretamento mútuo que assegura a possibilidade de, por exemplo, a tradução de uma língua para outra. Vejamos um exemplo adaptado de Cançado (2013):

- (7) a. Aqueles homens do canto estão chamando.
- b. Aqueles senhores do canto estão chamando.
- c. Aqueles cavalheiros do canto estão chamando.

Nessas sentenças o que interessa é o conteúdo explícito, o que significa dizer que “a sentença (a) é sinônimo de conteúdo da sentença (b), quando (a) acarretar (b) e (b) acarretar (a)” (CANÇADO, 2013, p. 49). Ou seja, as sentenças (a) e (b) precisam ser verdadeiras nas mesmas extas circunstâncias para haver uma sinonímia de conteúdo. Podemos afirmar que mesmo entre sentenças não existe sinonímia perfeita, mas, conforme defende Cançado (2013), algum tipo de sinonímia deve ser levado em consideração.

Podemos observar que tanto Palmer (1976), quanto Cançado (2013), defendem a ideia de que, embora complexo, existe essa relação de igualdade de significado entre palavras, expressões e sentenças. Os dois teóricos concordam que o enquadramento ou circunstâncias precisam ser exatamente iguais para haver

algum tipo de sinonímia. O principal argumento consiste no fato de que as palavras, de alguma maneira, possuem um significado primeiro que serve de fio condutor para todos os outros e, por consequência, teremos palavras sinônimas.

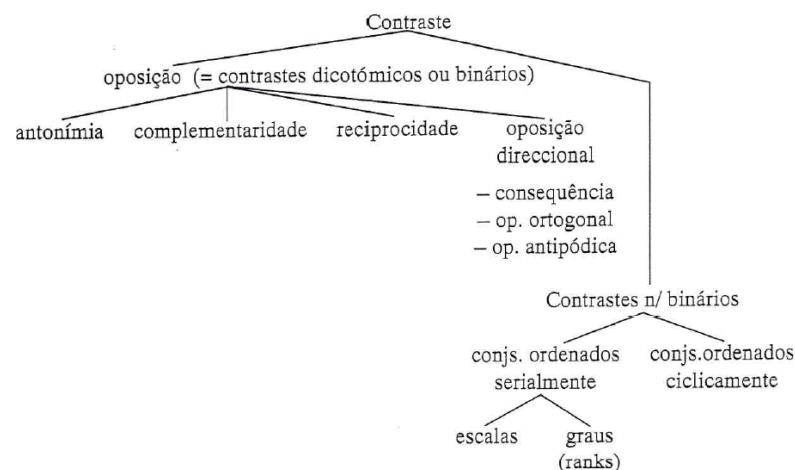
Vejamos, na próxima seção, as relações de opositividade entre lexemas, ou antonímia.

### 2.1.3 Antonímia

Na seção anterior, ao tratarmos de sinonímia, apresentamos mais problemáticas teóricas do que definições. Isso ocorreu porque no campo da semântica estrutural, conforme argumenta Palmer (1976), acredita-se que as línguas não possuem uma necessidade de ter sinônimos integrais o que gera muitas dúvidas sobre sua existência. Por sua vez, a antonímia é vista como uma característica constante e bastante natural da língua o que a leva ser definida com muita precisão. Para Vilela (1994), a dicotomização do sentido pode ser considerada um traço essencial da língua. O termo antonímia data-se do século XIX, no entanto, o conceito é bem mais antigo, dado sua importância na estrutura do léxico.

Vilela (1994) pontua que existem diversos estudos sobre antonímia, aqui podemos citar Palmer (1976), Tamba-Mecz (2006), e Cançado (2013), contudo os postulados de Lyons (1977), são os mais comentados e seguidos. Vejamos o esquema a seguir:

**Esquema 01:** Relações de contraste para Lyons.



**Fonte:** Vilela (1994).



Por meio do esquema anterior, Vilela (1994), demonstra que para Lyons as relações de contrastes englobam tanto as estruturas binárias como as não binárias. Dessa maneira, temos os contrastes binários ou dicotômicos e os contrastes não binários. Por um lado, os contrastes binários são subdivididos em antonímia, complementaridade, reciprocidade e oposição direcional. Por outro lado, os contrastes não binários são subdividido em conjuntos ordenados serialmente e conjuntos ordenados ciclicamente. Os conjuntos ordenados serialmente são dispostos em escalas e graus.

### 2.1.3.1 Contraste binários

De acordo com Lyons (1977), o termo técnico para a opositividade entre lexemas é a antonímia. Assim, pares como *novo/velho*, *largo/estrito* *grande/pequeno*, têm em comum o fato de dependerem da dicotomização. Palmer (1976) acrescenta que o termo antonímia é utilizado em relação a oposição entre significados, à vista disso, as palavras que se opõem, como os pares supracitados, são denominadas antônimas. Tamba-Mecz (2006), por sua vez, argumenta que o termo antonímia tende a ser utilizado para designar uma relação de contraste que apresenta um caráter binário. Isto é,

A relação de antonímia baseia-se em uma oposição fundamentalmente binária, algo que decorre de perguntas como: qual é o contrário de diante? Diante ou atrás. Mesmo que exista um termo intermediário, ele é neutralizado pelo acoplamento antonímico (os pares quente/frio, começo/fim eliminam morno ou meio) (TAMBA-MECZ, 2006, p. 99).

Lyons (1997) questiona se essa tendência para pensar em termos opostos é uma tendência humana universal, a qual será refletida secundariamente ou é pré-existente na língua nativa de um grande números de pares de lexemas opostos que nos conduz a polarizar nossas experiências, no entanto:

O linguista deve ter em conta que a oposição binária é um dos mais importantes princípios que governam a estrutura das línguas, sendo a antonímia a manifestação mais evidente deste princípio, no que respeita ao vocabulário (LYONS, 1977, p. 220).

Voltando aos pares de palavras apresentados anteriormente - *novo/velho*, *largo/estrito* *grande/pequeno* – podemos perceber que todos eles são compostos por adjetivos e possuem em comum o fato de poderem ser graduados em relação à qualidade que indicam. Quando se diz que uma estrada é muito larga, estamos também dizendo que essa mesma estrada é mais larga que outra. Palmer (1976), afirma que adjetivos como esses indicam que existe uma graduação quanto a largura, idade e tamanho do que está sendo qualificado.

Segundo Vilela (1994, p. 167) a antonímia consiste na relação dos opostos graduáveis, os quais possuem a possibilidade de comparação e incluem de maneira intrínseca uma graduação implícita ou explícita. Para Palmer (1976), os adjetivos comparativos são a forma que possui de maneira mais clara a gradatividade ou graduação, pois ao dizermos que uma estrada é mais larga que outra ou um rapaz é mais novo que outro, estamos, situando os adjetivos em uma escala de comparação. Os adjetivos são escalados a partir de normas diferentes, conforme o objeto ou assunto a que estão se referido.

Posto isso, se pensarmos em rato gigante e elefante pequeno, o significado do adjetivo pequeno está relacionado ao tamanho que se considera normal para ratos; da mesma maneira o significado de pequeno está relacionado ao tamanho considerado normal para um elefantes.

Lyons (1977) faz uma distinção entre opostos graduáveis e não graduáveis. Os não graduáveis quando empregados como expressões predicativas dividem, em dois subconjuntos complementares, os objetos que podem ser predicados. Temos como resultado que “não só a predicação de um elemento do par implica a predicação da negação do outro, mas também que a negação de qualquer deles implica a predicação do outro” (LYONS, 1977, p. 220). Como exemplo podemos pensar em <x é fêmea> implica <x não é macho> e <x não é fêmea>, considerando que macho e fêmea possam ser predicado de x, implica <x é macho>.

Os opostos graduáveis estão em uma situação diferente dos não graduáveis, pois a predicação de um implica a predicação da negação do outro. Lyons (1977), nos dá o seguinte exemplo: <x é quente> implica <x não é frio>; e <x é frio> implica <x não é quente>, todavia, <x não é quente> não implica necessariamente <x é frio>. Vilela (1994) afirma que essa relação apresentada por Lyons serve para a

verificação da antonímia, dado que o termo positivo e o termo negativo estão relacionados a um nível neutro, por exemplo:

Novo > 0 < Velho

Quando consideramos uma zona neutra entre dois termos estamos, na verdade, explicitando uma característica da antonímia, a polaridade. Conforme argumenta Vilela (1994, p. 168), a polaridade faz com que a distribuição dos termos esteja situada em uma escala entre dois polos, existindo uma zona neutra como vimos no exemplo com os adjetivos novo e velho.

Determinar essa polaridade não é uma tarefa simples, pois deve ser levado em consideração muitas vezes o fator extralinguístico e a polissemia. Mas a afirmação da existência de uma polaridade nos permite estabelecer o termo marcado ou negativo e o termo não marcado ou neutro. Dito de outra maneira, o conceito de polaridade nos permite indicar a orientação oposta entre dois termos em relação a uma zona neutra.

Segundo Palmer (1976), pares como macho/fêmea, casado/solteiro, vivo/morto estão constituídos de elementos que são complementares um em relação ao outro. Para Palmer (1976) esse termos pertencem a um conjunto de termos incompatíveis com um diferencial, são conjuntos de dois termos e não de vários termos.

Vilela (1994) caracteriza a complementaridade como um fenômeno que ocorre quando um dos termos não admitem graduação ou comparação. A afirmação de um termo é seguida da negação do outro termo e vice-versa. Vejamos os exemplos:

A Maria é solteira implica A Maria não é casada.

A Maria é casada implica A Maria não é solteira.

O João está morto implica O João não está vivo.

O João está vivo implica O João não está Morto.

Vilela (1994) advoga que as proposições de cada par não podem ser ambas verdadeiras ou ambas falsas. A relação de conteúdo da complementaridade é definida em termos de incompatibilidade em um protótipo de membros. Não é

possível a comparação ou graduação dos termos complementares no uso da língua como, por exemplo, Maria está mais casada que João.

Cançado (2013) afirma que quando uma palavra descrever um relação entre duas coisas ou pessoas e uma outra palavra descrever essa mesma relação, em uma ordem inversa denominamos esse fenômeno de antonímia inversa ou reciprocidade. De acordo com Vilela (1994), a reciprocidade é a relação de conteúdo existente entre dois termos que designam uma relação significativa a partir de dois pontos de vista diferentes como, por exemplo, marido/esposa, pai/filho, professor/aluno. A gramática normativa mostra o mesmo tipo de relação na passagem da voz ativa para a voz passiva e vice-versa. Para Palmer (1976), os reais antônimos susceptíveis de gradação podem ser tratados em termos de opostos relacionais.

Vilela (1994) descreve ainda dois tipos de relações de contraste, são elas: relação direcional e relação e a oposição ortogonal. Para Vilela (1994), a relação direcional implica um movimento relativo a duas direções opostas possíveis considerando um ponto determinado. Essa relação é dividida em contradirecionalidade e relação de consequência. Na relação de contradirecionalidade temos incluído os advérbios e preposições direcionais como, por exemplo, para cima, para baixo, antes e depois, bem como verbos como ir e vir, chegar e partir. Já a relação de consequência é caracterizada pelo fato do elemento consequente pressupor o elemento antecedente e também por se trata de uma implicação unilateral, isto é, o elemento consequente não necessariamente segue ao antecedente. Assim, temos como exemplo: procurar-encontrar, aprender –saber e saber- esquecer.

Segundo Vilela (1994), a oposição ortogonal consiste em uma relação de conteúdo em um campo composto por mais de dois elementos. Esta relação é determinada a partir da determinação dos elementos do campo em relação a outros elementos do mesmo campo, em uma relação de oposição vertical. Assim, norte está em oposição ortogonal relativamente a leste e oeste e oeste em relação ortogonal relativamente a norte e sul. Cada um dos quatro elementos opõem-se ortogonalmente a dois outros elementos.

### 2.1.3.2 contraste não binários

A oposição de contraste não binários é denominada incompatibilidade. De acordo com Vilela (1994), a incompatibilidade é caracterizada através de divisão em conjuntos seriados e conjuntos cíclicos. Os conjuntos seriados compreende conjuntos em que cada termo tem seu lugar na série entre dois outros membros, onde existe um membro inicial e um membro final como, por exemplo, escalas e graus. Já os conjuntos cíclicos são conjuntos em que cada membro tem seu lugar em um ciclo entre dois outros membros onde há uma serialização como, por exemplo, os meses do ano.

Em suma, nessa perspectiva teórica, a antonímia, vista de um sentido amplo, representa um princípio fundamental na estrutura do léxico. Para Vilela (1994), é impensável a existência de uma língua sem a presença de uma oposição antonímica. Por ser tão essencial, a antonímia apresenta uma variedade de princípios e fatos.

No entanto, se pensarmos em um exemplo como: *Prefiro chá a café*, partimos da relação <alguém preferir alguma coisa> que instaura um circuito de forças entre as noções instanciadas. *Preferir* remete a um evento que pode caminhar na direção de um dos dois argumentos do esquema a seguir, podemos construir <alguém preferir ( ) > ou <( ) preferir alguma coisa>. Porém, *preferir* não só relaciona termos, mas, o fazendo, também aponta para uma direção de sentido com orientação para a construção de *alguma coisa* que *alguém* preferir. Não há uma relação determinista entre *alguém* e *chá* ou *alguém* e *café*. Logo, *chá* e *café* são ambos termos que estão numa relação de continuidade enquanto *alguma coisa* que *alguém* pode preferir. Mas não é o que se observa na superfície do enunciado, onde esses dois termos estão numa relação de descontinuidade ou de oposição (local ou aparente, no enunciado).

A problemática da nossa pesquisa se manifesta justamente a partir da estabilidade atribuída às relações de opositividade entre *novo/velho*. Em uma consulta a fontes lexicográficas, (FERREIRA, 1999; BORBA, 2002; HOUAISS, 2008; SACCONI, 2010), pudemos verificar as seguintes acepções para a unidade lexical *novo* e seus possíveis antônimos:

**Quadro 01:** Acepções da unidade lexical novo e “antônimos”

Acepções sinonímicas	Acepções antonímicas
Atual, contemporâneo, original, desconhecido, renovado, moderno, jovem.	Inatural, antigo, superado, usado, tradicional, retrógado, velho.

**Fonte:** elaborado pelo autor

As acepções expostas no quadro anterior, apresentam uma relação de antonímia termo a termo, o que, para Culioli (1990, p. 84), consiste em uma ilusão. Em nossa pesquisa, partimos do princípio de que a unidade lexical é transcategorial, comporta uma maleabilidade e uma deformidade e, fora do enunciado, não existem relações.

Como afirma Romero (2000, p. 68), “as estabilizações são produtos dos enunciados, e não uma relação a priori fixada”. As unidades lexicais remetem diretamente a noções que, como mostramos no capítulo um, são para Culioli (1990), um feixe de propriedades físicos culturais. Não são fixadas, são virtuais. Por essa razão, sempre é possível a atribuição de uma nova propriedade.

Partimos do princípio que os sentidos são construído através do enunciado e, dessa forma, não podemos ter relações fixadas. Na seção a seguir apresentamos os postulados construtivistas que ancoram nossa pesquisa.

## **2.2 Uma Perspectiva Construtivista das Relações de sentido entre as Unidades Lexicais**

Em uma abordagem construtivista de estudo da linguagem, compreende-se que, o sentido das unidades lexicais não é dado, mas construído através dos enunciados. Os trabalhos situados nessa perspectiva estão relacionados, principalmente, ao estudo de cada unidade, uma a uma na sua singularidade, assim como também na diversidade de seus empregos.

Franckel (2011) argumenta que um dos objetivos das pesquisas desenvolvidas por esse viés, consiste em mostrar que, por meio da variação do

sentido das unidades, é possível salientar as regularidades de organização dessas variações. No entanto, a variação é apenas em parte determinada pelo contexto lexical (relações entre as unidades no interior da sequência linguística), dado que obedece a fortes regularidade, associadas à estrutura do mesmo. Para Franckel, as próprias unidades condicionam seu contexto de inserção, isto é, elas determinam a forma do contexto e também o tipo de cenário enunciativo em que se inscrevem.

A identidade de uma unidade não se define por um sentido de base, no entanto, pelo papel específico que desempenha nas interações que constituem o sentido dos enunciados nos quais ela é posta em jogo. Esse papel não deve ser entendido como um sentido próprio da unidade, mas como resultado da variação resultantes das interações. Isto é:

O sentido das unidades constrói-se no e pelo enunciado, ao mesmo tempo em que elas determinam o sentido desses enunciados. Não há sentido derivado por metáfora: o valor bruto da unidade é sempre um valor abstrato, uma época, não uma designação, é um potencial e não um conteúdo (FRANCKEL, 2011, p. 23).

De tal modo, reafirmamos que o sentido das unidades consiste em um potencial, o qual será estabilizado em um determinado cenário enunciativo evocado a partir do próprio contexto, isto é, uma sequência é interpretável somente dentro de um contexto definido, resultante das relações de interações entre as unidades lexicais.

Nessa conjuntura, o contexto não é externo ao enunciado, visto que a própria sequência (um encadeamento interpretável de palavras) desencadeia tipos de contextualizações com as quais é compatível. Consequentemente, o contexto está em uma relação de dependência e independência com a sequência contextualizada.

Franckel (2011) denomina essa contextualização de dinâmica, a qual orienta uma análise do sentido em construção. Para o teórico, não se trata de partir do produto acabado, isto é, da interpretação de enunciado para redistribuir parcelas de sentidos aos seus diferentes componentes, contudo, partir dos potenciais vinculados a encadeamentos de palavras, de fazer uma análise considerando uma espécie de trajeto dinâmico.

É necessário não confundimos o estatuto de enunciado com o estatuto de uma sequência, posto que uma sequência é considerada, nessa concepção, como um potencial interpretativo, que é eventualmente compatível com vários tipos de

contextualização acionadas por ela. Por sua vez, o enunciado é compreendido como uma sequência estabilizada por uma contextualização definida.

A identidade de uma unidade lexical é extraída dos modos de interação como o cotexto, em razão de nunca se observa nos enunciados o sentido bruto ou inerente de uma unidade, todavia os sentidos atribuídos são resultados de uma interação que se estabelece com seu cotexto. Nas palavras do teórico:

A tese fundamental desse modelo, e que constitui a sua especificidade, é que a variação das unidades pode ser reportada a princípios regulares. O desafio da teoria não é portanto, ou não é apenas, nem mesmo principalmente, o extrair uma invariância dos sentidos de uma palavra sob a forma de um conteúdo, mas de mostrar como a variação dos sentidos de uma palavra se dá em planos de variações regidos por uma organização singular (FRANCKEL, 2011, p. 23).

Perceba que a proposta desse programa vai além da extração de uma invariância dos sentidos, da reconstituição do que há de comum entre os diferentes empregos, contempla também o objetivo de dar conta das próprias variações, evidenciando a diferença entre os valores e sua organização.

Franckel (2011) argumenta que a interação da palavra com seu cotexto origina uma regularidade. Defende também que a unidade tem modos variáveis de funcionamento e que possui princípios regulares para o estabelecimento das relações como os elementos do cotexto.

Dessa forma, a busca por uma invariante se constitui uma forma de pensar a organização da variação de uma unidade, que é, de acordo com Franckel, concomitantemente, estritamente singular e estritamente regular:

Estritamente singular: cada unidade tem uma identidade própria, irreduzível à identidade de uma outra. Disso decorre que as variações de cada palavra se traduzem por valores absolutamente específicos e irreduzíveis a quaisquer outros. Estritamente regular: apreende-se a identidade de uma unidade por meio da maneira pela qual se organiza sua variação em planos de variação provenientes de mecanismos gerais e regulares. Essa tese marca a especificidade de nosso programa de trabalho em relação a abordagem que podemos, aliás, qualificar de construtivistas (FRANCKEL, 2011, p. 23).

Logo, a identidade de uma unidade é representada por uma forma esquemática (FE), a qual delinea um raciocínio que permitir a extração do papel



respectivo da unidade e de seu contexto na variação dos sentidos que podem lhe ser associados. Assim:

Uma FE deve descrever o conjunto dos valores e dos empregos da unidade que ela caracteriza. Ao mesmo tempo, não corresponde por ela própria a nenhum de seus valores singulares. Ela não é assimilável a algum sentido específico e, em particular a um sentido que seria primeiro. A FE não é o sentido da palavra, a identidade que ela constitui não é uma substância autônoma, ela não é o menor denominador semântico comum dos empregos de uma palavra (FRANCKEL, 2011, p. 26).

Portanto, o objetivo da FE, como visto, é esboçar o conjunto de valores e dos empregos de uma unidade por ela assinalada. Cada uso da unidade diz respeito ao emprego específico e particular da FE, em virtude dela ser apreensível somente por intermédio das diferentes realizações possíveis, as quais compõem suas ocorrências.

Franckel (2011) advoga que, nessa perspectiva, as unidades lexicais não são indivíduos bem constituídos, no entanto, são ocorrências construídas por processos de individualização, por essa razão os diferentes sentidos de uma unidade não correspondem às extensões ou deformações de um sentido pronto, característico da sua identidade preexistente, e sim aos diferentes tipos de realizações de um cenário abstrato, ou seja, a forma esquemática.

Para melhor compreensão da construção de sentidos das unidades lexicais, discorreremos, a seguir, acerca dos valores referenciais.

### 2.2.1 Valores Referenciais

Franckel (2011), faz uma distinção entre referência e valores referenciais. Essa distinção encontra-se, sobretudo, na abordagem adotada nos estudos linguísticos. De um lado, em uma perspectiva clássica, a linguagem humana nada mais é do que o pensamento representado, isto é, a linguagem não diz as coisas, mas representa as ideias dos homens, como uma espécie de espelho, um reflexo do pensamento.

Nessa perspectiva, a linguagem permite tudo dizer, e é concebida como uma representação da representação do mundo, a qual o sujeito constrói em seu sistema de pensamento. A linguagem também é vista como uma formalização de um

conteúdo ideal cuja essência é extralinguística. Por esse viés “a referência provém de uma relação mais ou menos direta e imediata entre uma porção cognitiva e simbolicamente determinada do “mundo real” e expressões linguísticas” (FRANCKEL, 2011, p.37).

Em uma abordagem clássica dos estudos da linguagem, temos uma transparência da linguagem em relação às ideias. Pois a mesma é concebida como um auxiliar do pensamento e sua função consiste em permitir a elaboração de ideias, dessa forma, tornando possível a designação de uma palavra em relação aos objetos correspondentes no mundo.

A problemática de Culioli se constitui uma corrente que rompe com a concepção de uma transparência original da língua no que diz respeito às ideias que permite exprimir, assim como trata-se de uma teoria da enunciação, visto que toma o enunciado como próprio objeto de estudo, segundo Franckel (2011):

O enunciado não é considerado como o resultado de um ato de linguagem individual, ancorado em *hic et nunc* qualquer por um enunciador qualquer. Ele deve ser entendido como um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser analisados, no âmbito de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual é vestígio (Idem, p.44).

Assim, a concepção de enunciado para Culioli, é diferente da concepção de Benveniste. Enquanto Benveniste ([1976] 2005) compreende o enunciado como um ato individual de linguagem, uma manifestação da enunciação, produzida cada vez que se fala, Culioli concebe o enunciado como o próprio arranjos das formas, o qual não remete a valores, mas a operações de constituição de um valor referencial.

Franckel (2011) descreve o enunciado como uma sequência, ou encadeamento de palavras, que só se torna interpretável pela estabilização de um ou outro de seus contextos, considerando que contexto ou cenário enunciativo não é exterior ao enunciado, todavia, é engendrado pelo ele. Em síntese, o sentido do enunciado é indissociável de seu contexto, e o mesmo é evocado pelo próprio enunciado.

Os valores referenciais são construídos no e pelos enunciados, por intermédio de operações enunciativas, que são denominadas por Franckel (2011) como operações de referenciação. Os valores referenciais são instáveis, atrelado a um

jogo intersubjetivo de ajustamento e de regulação, resultando em uma interpretação provisória e local, pois o estável é sempre e, primordialmente, o produto de processos interativos regulados de estabilização.

Romero (2000) afirma que os valores referenciais consistem em um nível específico de representação o qual é de cunho inteiramente metalinguístico e teórico e sua função é retratar os mecanismos, as operações relacionadas na atividade linguagem. Culioli (1990) introduz os conceitos de Quantificação e Qualificação para a compreensão da maneira como as relações entre as unidades lexicais são estruturadas.

Conforme Culioli (1999b), a quantificação ou QNT compreende uma operação por meio da qual se constrói a representação de algo que pode ser distinguido e situado em um espaço de referência. Isto é:

[...] **Quantificação** remete, não à quantificação lógica, mas à operação pela qual se constrói a representação de **alguma coisa** que se pode distinguir e situar em um espaço de referência. [...] **Alguma coisa** não se refere ao inanimado (por oposição a **alguém**), mas remete a um estado (interno ou externo) do qual se pode dizer que se distinguirá de um outro estado, que implicará, então, descontinuidades, que será localizado (no sentido abstrato do termo) em um domínio de representações. Poderíamos dizer de outro modo: **alguma coisa** remete a uma ocorrência que, seja qual for, um sujeito possa apreender, discernir (perceber como uma forma singular em relação ao meio), distinguir (eliminar a indeterminação) e situar (um sujeito situa essa alguma coisa em um espaço-tempo, que pode ser imaginário) (1999b, p. 82, grifos do autor).

Temos a quantificação de uma noção a partir do momento em que o sujeito enunciador constrói a representação de uma ocorrência da mesma e a localiza em uma situação de enunciação. Como já dissemos, na operação de quantificação, estão envolvidas três operações: extração, flechagem e varredura, sendo que as duas primeiras atuam sobre o ponto de vista da ocorrência e a última é caracterizada por não se deter a uma ocorrência.

A qualificação ou QLT é da dimensão qualitativa, do material semântico e delimita uma entidade. Consiste em uma operação que entra em jogo cada vez que se efetua uma operação de identificação /diferenciação definida a algo, isto é, “qualificar é ativar uma cadeia complexa de operações e não simplesmente adjuntar um qualificativo” (CULIOLI, 1990, p. 164).

Evocamos essa discussão acerca das operações de quantificação/qualificação visto que, conforme Romero (2000), uma unidade lexical a ser empregada mobiliza necessariamente QNT- QLT e o nível dos valores referenciais se constrói por meio de uma discordância irreduzível entre ambos. Há, na verdade, um entrelaçamento entre essas duas dimensões.

Para Romero (2000), a unidade linguística apresenta uma deformabilidade que lhe é inerente, a qual é apresentada por intermédio das dimensões QLT e QNT. Essa deformabilidade é independente de uma unidade A ou B e corresponde a um dos planos “nos quais os mecanismos, as operações regulares provenientes da atividade de linguagem tornam-se visíveis: os planos dos modos de construção dos valores referenciais” (p.86). Em síntese, essa teoria constitui uma abordagem específica do papel das unidades na construção do valor referencial dos enunciados. A seguir, apresentamos uma breve explicação acerca da identidade das unidades linguísticas.

### 2.2.2 A identidade das unidades linguísticas

A abordagem de Culioli apresenta a invariância como uma teoria da variação, haja vista duas questões centrais: “1) a diversidade das línguas; 2) a identidade das unidades linguísticas através da diversidade de seus empregos” (FRANCKEL e PAILLARD, 2011, p 94). Essas duas questões estão diretamente relacionadas como a definição de Linguística de Culioli, como uma ciência da linguagem apreendida por intermédio da diversidade das línguas naturais.

De acordo com Franckel e Paillard (2011), tal definição tem duas consequências efetivas. A primeira consiste no fato de marcar que a pesquisa de generalização não poderia se estabelecer considerando apenas as propriedades de uma língua ou de um número restrito de línguas. A segunda consequência, consiste na questão de uma variação regrada, tendo modos de regulação decorrentes de princípios invariantes.

Para Culioli, é a análise da singularidade de cada língua que torna possível o acesso a uma teoria do generalizável. Assim, não se busca estabelecer universais, mas invariâncias levando em consideração a singularidade e a diversidade, uma vez que as invariantes evidenciadas compõem os princípios e os instrumentos da metalíngua. Franckel e Paillard (2011) defendem que os princípios de regulação são

internos à linguagem por meio da variação dos usos observados na língua e, logo, não existe dependência de uma necessidade que seria externa à linguagem.

Partindo disso, podemos afirmar que essa abordagem pode ser caracterizada como transcategorial, em razão de que uma categoria pertinente a uma dada língua, pode não ser para outra, assim como o fato do funcionamento de uma dada unidade instaurar fenômenos que dependem de diversas categorias heterogêneas.

Em suma, a abordagem da identidade das unidades linguísticas é delimitada por Franckel e Paillard (2011), em quatro pontos. O primeiro, salienta que uma hipótese fundamental é de que o valor do referencial de uma enunciado consiste no produto de operações que se materializam por meio das unidades da língua por suas organizações, ou seja, nessa perspectiva os itens lexicais são visto como o lugar de uma variação regrada.

O segundo ponto, diz que grande parte dos trabalhos suscitados a partir desse quadro teórico, consistem na descrição sistematizadas das unidades particulares de diversas línguas que são apreendidas por intermédio da variação das relações dessas unidades com seu cotexto. Franckel e Paillard (2011) frisam que tais trabalhos se desenvolvem tanto no plano da modalização, como das investigações empíricas.

O terceiro ponto, reafirma que as unidades não são diretamente portadoras de sentido, o que iria contribuir, de forma específica, para construir sentido em um determinado ambiente textual, dado que sua identidade não é caracterizada por valor, mas por um funcionamento. Isso significa dizer, que essa abordagem já indicava que o sentido das unidades não era anterior à interação com seu ambiente.

Nesse aspecto, a variação está relacionada com o cotexto, porém o todo elemento do mesmo é deformável e polissêmico, assim suscetível de adquirir vários valores. Nos desenvolvimentos atuais da teoria temos como princípio a ideia de que a variação é constitutiva da própria identidade de uma unidade.

O último ponto, afirma que se consideramos a variação das relações de uma unidade com seu cotexto como constitutiva da identidade dessa unidade, não se pode mais fundamentar essa unidade em um valor semântico estável e autônomo fora do seu contexto.

Partindo dessas considerações a identidade lexical de uma unidade passa a ser representada através da forma esquemática, a qual é definida por Franckel e Paillard (2011), como um polo de regulação das interações com os elementos de

seu ambiente, os quais são essenciais para o seu funcionamento. Não se trata mais de obter uma invariância por meio da variação, todavia de apresentar os princípios que regulam essa variação. Para os teóricos supracitados a forma esquemática coloca em jogo três planos de variações:

Uma variação interna à própria unidade, que provém do fato de que as deformações que resultam das interações com os diferentes contextos possíveis se encontram estruturados de maneira específica pela forma esquemática própria a essa unidade.

Uma variação que provém dos itens lexicais do contexto, que ativam este ou aquele parâmetro da forma esquemática. Um verbo como passar a vê seu funcionamento ativado de maneira diferente caso se trate da sequência passar o chapéu, o café, o tempo, um cheque, uma doença, uma temporada, para citar apenas alguns exemplos possíveis como a forma transitiva.

Uma variação das construções sintáticas, compatíveis com a unidade, que são, ao mesmo tempo, internas a esse item, no sentido em que são constitutivas de sua identidade (tal item entra em tal conjunto determinado de construções) e externas, no sentido em que cada uma delas procede de uma reconstrução (passar é reconstruído por “por” em passar por) (FRANCKEL e PAILLARD, 2011, p 99).

Como argumentaram os teóricos, a forma esquemática é um lugar de variação, seja elas internas à própria unidade, provenientes dos itens lexicais do contexto, ou das construções sintáticas. Assim, a identidade de uma unidade lexical, por meio da forma esquemática, é evidenciada em todos os seus aspectos, porém, é válido ressaltar que, nessa dissertação, não temos como objetivo elaborar uma forma esquemática das unidades lexicais *novo* e *velho*. Nossa pesquisa está pautada nos princípios, anteriormente apresentados, de noção e domínio nocional

Vejamos a seguir, no terceiro capítulo as nossas análises e discussão.

### **3 UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE OPOSITIVIDADE ENTRE AS UNIDADES LEXICAIS *NOVO* E *VELHO***

Trata-se, na verdade, de esfregar, em um diálogo incessante, as palavras umas contra as outras como panos entrelaçados, até desgastá-las, até ver surgir a sua trama, de confrontar as intuições até uma transparência quase imaterial (FRANCKEL, 2011, p. 106-107).

Neste capítulo, apresentamos nossas análises das unidades lexicais *novo* e *velho*. Objetivamos demonstrar que não existe uma opositividade fixa entre essas unidades lexicais, dado que partimos da hipótese de que toda e qualquer oposição entre *novo* e *velho* é construída localmente no enunciado. Este capítulo está dividido em três seções; na seção 3.1, apresentamos os procedimentos metodológicos que estruturam nossa pesquisa, isto é, evidenciamos a delimitação do corpus e o roteiro das análises; na seção 3.2, expomos nossas análises e discussão; e, por último, na seção 3.3, apresentamos uma síntese das análises.

#### **3.1 Procedimentos metodológicos**

Conforme já ressaltamos, nossa pesquisa tem como suporte teórico-metodológico a TOPE. Em nossas análises, nos valem de um dos seus princípios primordiais que consiste na investigação de variados enunciados, nos quais buscamos verificar que aspectos distanciam ou aproximam as unidades lexicais *novo* e *velho* da construção de uma relação de oposição, considerando que “a unidade lexical é compreendida como parte de um esquema de regulação dos modos como os enunciados se constituem e significam” (ROMERO e TRAUZZOLA, 2014, p. 241). Como já afirmamos, no decorrer desta dissertação, por esse viés teórico os sentidos são construídos através dos enunciados, em uma dinâmica de interação.

Por uma opção metodológica só coletamos enunciados com a ocorrência da unidade lexical *novo*. Ao analisá-los, realizamos um procedimento de testagem que consistiu em substituir, em um mesmo enunciado, a unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* dando origem a outros enunciados, a partir dos quais

verificamos a possibilidade ou não da construção de uma relação de oposição entre *novo* e *velho* e que aspectos são acionados ao seu favor ou ao seu desfavor.

Nossa pesquisa está dividida em três etapas, são elas: (01) Levantamento de enunciados, com ocorrência da unidade lexical *novo*, de uma base de dados; (02) Seleção de enunciados e constituição do nosso corpus; (03) Análises dos enunciados. Foram coletados ao todo 100 enunciados com ocorrências da unidade lexical *novo* de uma base de dados disponível em meio eletrônico e denominada Corpus do Português<sup>13</sup>. A escolha do Corpus do Português como base dos dados se justifica pelo fato de reunir, de maneira organizada e prática, diversos enunciados com ocorrências da unidade lexical *novo* em variados sentidos estabilizados.

Dentre os 100 enunciados coletados com ocorrências da unidade lexical *novo*, eliminamos os enunciados em que foi perceptível a repetição de sentido estabilizado e selecionamos 14 enunciados para as análises. Selecionamos ainda mais 4 enunciados em diferentes sites que são identificados em nota de rodapé no decorrer das análises. Analisamos, dessa maneira, um total de 36 enunciados entre eles 18 com ocorrência da unidade lexical *novo* e 18 com ocorrência da unidade lexical *velho*, estes últimos, resultantes do procedimento de substituição anteriormente mencionado.

Os 18 enunciados com ocorrência da unidade lexical *novo* estão identificados da seguinte maneira: utilizamos a letra E, em maiúsculo, como abreviação do nome enunciado, seguindo uma sequência de números entre 01 e 18, por exemplo, E01, E02, E03, E04. Por sua vez, os 18 enunciados com ocorrência da unidade lexical *velho* resultantes do procedimento de substituição estão identificados em relação ao seu enunciado de origem, por exemplo, de E01 temos o E01.1, do E02 temos o E02.1 e assim por diante. Os enunciados foram inseridos dentro de quadro com o propósito de destacá-los do corpo do texto.

Distribuímos os 18 enunciados com ocorrência da unidade lexical *novo* selecionados para as análises em 03 grupos, são eles:

Grupo (01) - *Novo* indicando a introdução de um elemento com valor de acréscimo;

Grupo (02) - *Novo* indicando a introdução de um elemento gerando ruptura;

---

<sup>13</sup> <http://www.corpusdoportugues.org>



Grupo (03) - *Novo* situando um elemento em um espaço temporal.

Analisamos os enunciados, dentro cada grupo, um a um, observando o funcionamento das unidades lexicais *novo* e *velho*. Para tanto, realizamos glosas. Na visão de Culioli (1990), isso significa operar fora das nossas intenções subjetivas e verificar o processo de construção de sentidos desencadeados pelo próprio enunciado. Como descrevem Romero e Trauzzola (2014), a prática de elaboração de glosas é um modo de parafraseagem com objetivo de promover reformulações minuciosas e controladas com vistas à identificação dos processos enunciativos de construção de sentido de uma dada unidade lexical, assim:

Se admitirmos que o sentido das palavras e dos textos não é exterior à língua, mas decorre de uma ordem própria que não é o decalque nem de um pensamento, nem de um referente, externo, constata-se que a explicação desse sentido só é possível por meio da atividade de paráfrase e reformulação. Trata-se de uma atividade metalinguística, específica da linguagem humana, que apreende o sentido apenas quando o faz circular por meio de formas diferentes, na fluidez de ajustes jamais definitivos (FRANCKEL, 2011, p.103).

Nessa atividade metalinguística, a manipulação dos dados conduz à apreensão do sentido estabilizado. A sequência desencadeia um cenário enunciativo, por meio do qual temos pistas dos sentidos que podem ser estabilizados. Assim, a estabilização de um determinado contexto em função de um determinado cenário evocado pode fazer com que determinadas propriedades semânticas de um nome X sejam acionadas para que as unidades lexicais estabilizem um sentido temporariamente.

Culioli (1990) argumenta que as glosas não decorrem de palavra por palavra, pois só existe glosas de sequências e enunciados. A glosa se focaliza apenas em uma unidade na interação particular em que observamos. Como frisa Franckel (2011), não parece possível reformular o sentido, o que nos cabe é a reformulação de determinado emprego de uma unidade lexical em uma dinâmica de interação em uma sequência dada. Assim:

Esta metodologia promove a possibilidade de estudo e análise dos possíveis efeitos de sentidos produzidos pela unidade. Isso se dá por meio da identificação dos contextos linguísticos que a própria unidade linguística convoca para funcionar dentro da língua, mais especificamente, da identificação dos termos que com ela interagem e tendem a estabilizá-la semanticamente, de um lado, e das determinações por ela conferidas a esses termos, de outro. Essas

determinações passam pela evocação de representações a cada vez que particulares, que evidenciam características singulares dos termos analisados (ROMERO e TRAUZZOLA, 2014, p. 242).

É válido salientar que, por esse viés teórico-metodológico, a observação e o processo de ir e voltar nos enunciados inúmeras vezes é o que nos levou aos resultados de maneira mais satisfatória. A seguir, apresentamos nossas análises e discussão.

### 3.2 Análises e Discussão

Iniciamos nossas análises com os enunciados do grupo (01), vejamos:

3. 2 . 1 Grupo (01) – *Novo* indicando a introdução de um elemento como valor de acréscimo

Vejamos o primeiro enunciado:

E01 - Não te quero mais, já tenho um novo amor, você eu esqueci, porque meu novo amor me ensinou que posso ser feliz.

Em E01, a unidade lexical *novo* indica a introdução de um outro amor (já tenho um outro amor), qualificando amor como outro. A unidade já concede força para a estabilização do valor de um outro amor acrescido a X, ressaltando uma ruptura com amor anterior. A relação entre X e R (amor anterior) deixa de existir dando lugar a relação entre X e Y (*novo* amor). É perceptível a preponderância, em E01, do aspecto qualitativo.

Vejamos agora o processo de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* em E01.1:

E01.1 - Não te quero mais, já tenho um velho amor, você eu esqueci, porque meu velho amor me ensinou que posso ser feliz.

Nesse enunciado, a alternância entre as unidades lexicais *novo* e *velho* não é possível. Isso ocorre por causa do cotexto, isto é, o cotexto, através da marca mais e já que juntas bloqueiam o funcionamento da unidade lexical *velho* contrapondo-se com a ocorrência da unidade lexical *novo*. É possível termos um enunciado como - Não te quero, já tenho um *velho* amor / Não te quero, tenho um *velho* amor mas não é aceitável o enunciado - Não te quero mais, já tenho um *velho* amor - a unidade lexical *velho*, no primeiro caso, marcaria a existência de um amor já consolidado, antigo. Mais, em articulação com a marca já, bloqueia a ocorrência da unidade lexical *velho* de funcionar e, dessa forma, não há entre *novo* e *velho*, nesses enunciados, a construção de uma relação de oposição.

Passemos agora ao próximo enunciado:

E02. - Conheçam o novo processo seletivo de sementes

A unidade lexical *novo* indica o surgimento de um processo seletivo de sementes, um outro tipo que é acrescido e passa a coexistir com os demais processos seletivos já existentes. Além disso, a unidade lexical *novo* qualifica processo seletivo de sementes como <moderno>, <atual>, preponderando, nesse enunciado, o aspecto qualitativo.

Vejam agora o enunciado E02.1:

E02.1 - Conheçam o velho processo seletivo de sementes

No procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*, a unidade lexical *velho* marca processo seletivo como <antigo>, <desatualizado>. De um lado, em E02, *novo* indica o surgimento de um processo seletivo de sementes <moderno>, <atual>, de outro lado, *velho* marca processo seletivo de sementes como <antigo>, <desatualizado>. Isto posto, podemos afirmar que *novo* evocando o sentido de moderno pode contrapor-se a *velho* em E02.1, estabelecendo uma relação de opositividade.

Passemos agora ao próximo enunciado:

E03 - Quando nossa reportagem chegou à residência humilde já um pouco afastada

do centro de Ribeiro Gonçalves, o pai levantava sozinho as paredes de um novo cômodo, pensando no bem estar de a família.

A unidade lexical *novo* indica a introdução de um elemento com valor de acréscimo, mais um cômodo em uma casa X. De cômodo <não existente> passamos a <cômodo existente> em adição aos demais, fazendo parte do todo de X. Temos a preponderância, em E03, do aspecto quantitativo.

Vejamos agora o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* no enunciado a seguir:

E03.1 - Quando nossa reportagem chegou à residência humilde já um pouco afastada do centro de Ribeiro Gonçalves, o pai levantava sozinho as paredes de um velho cômodo, pensando no bem estar de a família.

Em E03.1, a unidade lexical *velho* qualifica cômodo como <deteriorado>. O verbo levantava em interação com a unidade paredes marca cômodo como <existente>. Assim, temos um cômodo Y de uma casa X em estado de deterioração que passa por um processo de reforma. Temos aqui a preponderância do aspecto qualitativo. Perceba que em E03 a unidade lexical *novo* indica o acréscimo de um cômodo <não existente> a uma casa X, aqui, cômodo já é <existente> e o que está sendo qualificado é seu estado de conservação. Portanto, embora seja possível a substituição de uma unidade pela outra sem um alto custo enunciativo, podemos verificar que a unidade lexical *velho* não funciona como oposto de *novo*. O sentido nos conduz a outro domínio de significação.

Vejamos o próximo enunciado:

E04 – Encontrei um novo amigo.

A unidade lexical *novo* indica o acréscimo de mais um amigo, recém-introduzido. Observe que a Y é atribuído à propriedade de <ser amigo> e, a partir da atribuição dessa propriedade, é introduzido ao ciclo de amizade de X. Em uma linha de abstração, podemos dizer que Y é o elemento mais recente acrescentado

ao clico de amizade de X, passando de <não amigo> a <amigo> fazendo parte do total de amigos, o que evidencia a preponderância do aspecto quantitativo.

Passemos agora o próximo enunciado:

E04.1 – Encontrei um velho amigo.

Em E04.1, a substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* é possível sem nenhum alto custo enunciativo. O sentido construído em E04 estabelece uma relação de oposição com E04.1. Em E04, *novo* evoca uma amizade recente, além do acréscimo de mais um amigo, enquanto que em E04.1, *velho* marca a existência de um amigo antigo, ressaltando a duração de uma amizade já existente. Perceba que, em enunciados com a unidade lexical *velho* posposta ao nome (N), o valor construído é alterado como, por exemplo, em - João é meu amigo velho-. Nesse caso, a unidade lexical *velho* qualifica João enquanto um amigo estimado, querido por X. A posposição abre espaço para a construção de um valor distinto de *velho* amigo, prevalecendo o aspecto qualitativo.

Passemos agora ao próximo enunciado:

E05 - Comprei um novo carro.

A unidade lexical *novo* marca o acréscimo de mais um carro a um conjunto de carros já adquiridos por X. O verbo comprei, no pretérito reforça essa ação de aquisição. Temos aqui a predominância do aspecto quantitativo, pois o que está em evidência não é o fato do carro ser <lançamento> ou um veículo <nunca usado>, mas, como já dissemos, o valor de acréscimo. O que é diferente, por exemplo, de - Comprei um carro novo -, posposta, a unidade lexical *novo* atribui a carro a propriedade de <ser/está conservado>, <nunca usado> ou até mesmo de <lançamento>, prevalecendo o aspecto qualitativo. Retomando E01, observe que em - Não te quero mais, já tenho um novo amor... -, não temos estabelecido o valor de adição de um elemento X em um determinado conjunto, ao invés disso temos um <amor> que se estabelece no lugar do amor anterior em um processo de ruptura. O que nos leva a afirmar que cotexto em E01 e E05 é o responsável pelo estabelecimento ou não dessa ideia de conjunto.

Vejam os a seguir o procedimento de substituição:

E05.1 - Comprei um velho carro.

Veja que não podemos falar da construção de uma relação de oposição entre nosso e *velho* nesses enunciados. Em E05.1, a unidade lexical *velho* qualifica carro como um objeto estimado por X, predominado o aspecto qualitativo. Ao contrário, se pensarmos em - Comprei um carro novo - e - Comprei um carro velho-, ambas unidades pospostas ao nome carro, é possível a construção local de uma relação de oposição entre as unidades *novo* e *velho*. Pois, de um lado, teremos a unidade lexical *novo* atribuindo a carro a propriedade de <ser conservado> ou <nunca usado> e, de outro lado, a unidade lexical *velho* atribuindo a carro a propriedade de <ser desgastado> ou <usado>. Observe que é o contexto e a dinâmica de interação entre as unidades no enunciado os responsáveis por desencadear esses valores, não podemos falar em *novo/velho* funcionando isoladamente.

Passemos agora ao segundo grupo de enunciados.

### 3. 2. 2 Grupo (02) – Novo indicando a introdução de um elemento gerando ruptura

Vejam os o primeiro enunciado:

E06 – Vamos nos jogar, porque carnaval é festa!! Aí em baixo pra curtirem o que promete ser um novo hit do momento, quem sabe não se torna um grito de carnaval??

Em E06, a unidade lexical *novo* marca o <lançamento> de uma música X, evidenciado a predominância do aspecto qualitativo. No entanto, o verbo prometer não garante a existência de X enquanto <hit>. Temos uma música X como <hit não existente> e música Y como <hit existente>. Dessa forma, X se tornado um hit será introduzido como o elemento mais recente em uma sequência de hits já existentes. É válido ressaltar que a possibilidade de X <ser hit> não anula Y de também <ser hit>, o que pode acontecer é X ocupar um espaço-temporal (a unidade lexical

momento indica o presente), dentro de uma sequência de hits, na frente de Y, ou seja, em um movimento de um hit precedente para um hit que o sucede e continuarem coexistindo enquanto hit.

Veamos a seguir o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*:

E06.1 – Vamos nos jogar, porque carnaval é festa!! Aí em baixo pra curtirem o que promete ser um velho hit do momento, quem sabe não se torna um grito de carnaval??

. Nesse enunciado a unidade lexical *velho* marca a existência de hit já consolidado, com sentido estabilizado diferente de *E06*, onde a existência de X enquanto <hit> precisa estar garantida e o verbo *prometer* não garante a sua existência. O que nos leva a afirmar que dentro desse contexto não é possível a construção de uma relação de oposição. Podemos destacar a sequência *velho hit* e verificar que em - *O velho hit de Xuxa* - a unidade lexical *velho* também não é vedada. *Velho* marca um hit existente. Temos marcado o valor de anterioridade. Se pensarmos em - *O novo hit de Xuxa* - a unidade lexical *novo* indica a introdução de algo, o lançamento de uma música X, *novo* aqui é possível alternar com *velho* possibilitando a construção de uma relação de oposição local.

Passemos para o próximo enunciado:

E07 - O iPhone 5 S, novo top de linha da Apple, foi anunciado em setembro e deve desembarcar no Brasil apenas no fim deste ano.

A unidade lexical *novo* marca a introdução do Iphone 5S como o elemento mais recente em uma sequência de telefones celulares fabricados pela Apple, prevalecendo o aspecto qualitativo. A sua existência enquanto <top de linha da Apple> implica ao Iphone 4 a propriedade <não top de linha da Apple>. Ou seja a passagem do Iphone 4 para o Iphone 5S envolve uma descontinuidade. Ao ser introduzido como o mais recente dentro de uma sequência veda o iPhone 4 e todos os outros modelos fabricados anteriormente de ser <top de linha>. Assim como novo amor em E01, aqui também constatamos uma ruptura.

Passemos ao procedimento de substituição:

E07.1 - O iPhone 5 S, velho top de linha da Apple, foi anunciado em setembro e deve desembarcar no Brasil apenas no fim deste ano.

Nesse enunciado não é possível a substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*. O contexto bloqueia o uso da unidade lexical *velho*, o que pode ser evidenciado por meio da sequência foi anunciado em setembro. Podemos pensar em E07.1 sem a sequência anteriormente destacada, vejamos: O iPhone 5 S, velho top de linha da Apple deve desembarcar no Brasil apenas no fim deste ano; Veja que é possível o uso de *velho* e, nesse caso, a unidade lexical *velho* marca a anterioridade do iPhone 5S enquanto <top de linha da Apple>. Toda a sequência foi anunciado em setembro bloqueia o funcionamento da unidade lexical *velho*, principalmente pelo verbo no pretérito perfeito. Desse modo, também não é possível a construção de uma relação de oposição entre *novo* e *velho* nesses enunciados.

Vejamos o próximo enunciado:

E08 – Universidades Federais que aderiram ao ENEM como vestibular segundo o Ministério da Educação, o novo processo seletivo, adotado por as universidades federais, será mais democrático. Os alunos de escolas públicas terão mais chances de disputar uma vaga com aqueles que tiveram oportunidade de estudar em colégios particulares.

Em E08, a unidade lexical *novo* marca a introdução de ENEM enquanto processo seletivo. Se voltarmos aos enunciados anteriores veremos que em E05 - Comprei um novo carro - temos estabilizado o valor de adição de um carro a um conjunto de carros existentes o que o diferencia de - o novo processo seletivo. Não temos aqui em E08 ENEM sendo adicionado a um conjunto de processos seletivos, mas ENEM sendo introduzido como <processo seletivo> em substituição aos processos seletivos existentes, prevalecendo o aspecto qualitativo.

Passemos agora ao enunciado E08.1



E08.1 - Universidades Federais que aderiram ao ENEM como vestibular segundo o Ministério da Educação, o velho processo seletivo, adotado por as universidades federais, será mais democrático. Os alunos de escolas públicas terão mais chances de disputar uma vaga com aqueles que tiveram oportunidade de estudar em colégios particulares.

Nesse enunciado, na tentativa do procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*, percebemos que os verbos aderir e adotar favorecem o uso da unidade lexical *velho* e, dessa maneira, a unidade lexical *velho* marca uma anterioridade de ENEM enquanto <ser processo seletivo>. Antes mesmo de ser adotado pelas universidade públicas federais como forma de ingresso ENEM já existia, no entanto, não há uma relação de oposição entre *novo* e *velho* nesses enunciados, pois em E08, temos marcado um processo de substituição e aqui em E08.1, temos marcado a anterioridade de ENEM enquanto processo seletivo. É importante salientar que aqui também o aspecto qualitativo é preponderante.

Vejamos o próximo enunciado:

E09 - Temer decreta novo plano de segurança pública.

Nesse enunciado a unidade lexical *novo* marca a introdução de um plano de segurança pública, à vista disso, temos um plano que <não existia> e passa a <existir> e ser válido. A existência de X enquanto plano faz com que Y deixe de <ser plano> marcando um processo de substituição de X por Y. O verbo decretar favorece esse valor de processo de substituição, dado que Y passa a não ser válido a partir do momento em que X é decretado em um espaço temporal determinado. X e Y não coexistem.

Passemos ao procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* no enunciado a seguir:

E09.1 - Temer decreta velho plano de segurança pública.

Como é possível perceber não é possível realizarmos o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*. O verbo decretar

veda o uso de *velho*. Em E09.1, a existência do plano de segurança pública é localizada em um espaço-temporal anterior ao ato de decretar de Temer o que bloqueia o uso de *velho*. Levando em consideração que *novo* marca um processo de introdução e *velho* é vedado, podemos afirmar que não há uma construção local de uma relação de oposição entre as unidades lexicais *novo* e *velho* nesses enunciados.

Vamos ao próximo enunciado:

E10- Novo sistema de cadastro do PIS possibilita que tudo seja feito online<sup>14</sup>

Nesse enunciado a unidade lexical *novo* está marcando o surgimento do sistema de cadastro do PIS, prevalecendo o aspecto qualitativo. Assim, temos um sistema <não existente> que passa a <existente>. A existência X (*novo sistema*) implica a desqualificação de Y < sistema anterior>. X substitui Y e apresenta como principal propriedade, de acordo com o contexto, <ser moderno>. Podemos comprovar isso por meio do uso da unidade online.

Passemos agora ao próximo enunciado:

E10.1- Velho sistema de cadastro do PIS possibilita que tudo seja feito online

Nesse enunciado, ao substituirmos a unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*, percebemos que o contexto veda o uso da unidade *velho*. A noção de <online> sugere, em interação com as outras unidades, esse valor de modernidade, o que causa o impedimento do uso de *velho*. Entretanto, se tivermos, por exemplo, um enunciado como - Velho sistema de cadastro do PIS também possibilita que tudo seja feito online -, a marca lexical também favorece a relação de oposição *novo* e *velho*.

Passemos agora ao último grupo

---

<sup>14</sup> Extraído de < <http://www.confirp.com.br/novo-sistema-de-cadastro-do-pis-possibilita-que-tudo-seja-feito-online/>> Acesso em 18/01/2019.

### 3.2.3 Grupo (03) – *Novo* situando um elemento em um espaço temporal

Vejamos o primeiro enunciado do grupo:

E11 - Está com fome? Fiz uma sopa. É só isso que consigo fazer com segurança até entender como funcionam os fornos novos.

Nesse enunciado, a unidade lexical *novo* qualifica fornos como <recém adquiridos> e/ou <modernos>, <atual> preponderando o aspecto qualitativo. Fornos novos coexistem com fornos antigos.

Vejamos o enunciado E11.1

E11.1 - Está com fome? Fiz uma sopa. É só isso que consigo fazer com segurança até entender como funcionam os fornos velhos.

Em E11.1, substituindo a unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*, temos *velho* marcando fornos como <antigo>. Por essa razão, X desconhece o funcionamento de fornos e não consegue preparar outros tipos de alimentos além de sopa. Aqui < ser antigo> funciona como empecilho para o X, assim como em E10, com <ser recente>. Nos enunciados E11 e E11.1, podemos constatar que há uma relação de oposição localmente construída entre os valores das unidades lexicais *novo* e *velho* estabilizados.

Vejamos o próximo enunciado:

E12- Eu sou novo aqui na vizinhança

A unidade lexical *novo* qualifica X como recém-chegado em um dado espaço, o de vizinho, situado em um tempo recente. *Novo* remete para a quantidade de tempo (dias, semanas, meses e anos) em que X vive em uma comunidade, prevalecendo o aspecto quantitativo.

Observemos agora o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*:

E12.1 –Eu sou velho aqui na vizinhança

A unidade lexical *velho* marca a extensão temporal de X em uma comunidade. Em outros termos, <ser velho> em E12.1 marca a extensão de um período temporal em que X está introduzido em uma comunidade Y. A alternância entre as unidades *novo* e *velho* nos enunciados E12 e E12.1 não apresenta nenhum alto custo enunciativo, e podemos constatar a construção de uma relação de oposição entre os valores construídos das unidades lexicais *novo* e *velho*. Em uma ordem cronológica, temos dois indivíduos em pontos opostos de inserção em uma determinada comunidade e a unidade lexical *novo* marca um período mais curto e a unidade lexical *velho* marca um período mais longo.

Passemos ao próximo enunciado:

E13 - Olhei para as três criaturas magricelas deitadas diante do fogo: um gato avermelhado idoso com apenas três pernas e dois cachorros. Todos eles tinham sido cuidados por Margaret quando novos e doentes.

Nesse enunciado, a unidade lexical *novo* marca o espaço temporal de gato e cachorros em um tempo anterior ao do momento da enunciação. A marca temporal quando em articulação com *novos* estabelece essa localização temporal, ou seja, *novos* atribui a gato e cachorros a propriedade de <ser/está jovem> nessa linha cronológica.

Observemos o próximo enunciado:

E13.1 - Olhei para as três criaturas magricelas deitadas diante do fogo: um gato avermelhado idoso com apenas três pernas e dois cachorros. Todos eles tinham sido cuidados por Margaret quando velhos e doentes.

Em E13.1, o contexto veda a substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*, pois idoso bloqueia o uso de *velho*. Se nos voltarmos para uma linha cronológica idoso, em E13.1, representa o lugar que gato e cachorros estão localizados atualmente, o que impede a localização de X e Y no mesmo espaço

temporal através da marca *velho*. Dessa forma, não é possível a construção de uma relação de oposição local entre as unidade lexical *novo* e *velho* nesses enunciados. Observe agora a sequência quando *velho* em outro enunciado - Quando *velho*, o motor do carro costuma falha - nesse enunciado, a unidade lexical *velho* marca o desgaste do motor de um carro X. O desgaste surge como resultado da propriedade do motor <está *velho*>. Dessa forma, <está *velho*> é constituído como empecilho para o bom funcionamento do motor de X. Veja que esse valor de desgaste construído está associado ao tempo de uso, isso pode ser comprovado através da marca temporal quando no enunciado e sua interação com as demais unidades. E se substituimos a unidade lexical *velho* pela unidade lexical *novo*? Teremos o seguinte enunciado: Quando *novo*, o motor do carro costuma falhar, o contexto veda o uso da unidade lexical *novo*. A propriedade de <está *novo*> ou <bom estado de conversão> atribuída a moto não funcionar com o verbo falhar, o qual indica defeito como algo recorrente desse estado.

Observemos o enunciado E14:

E14 – O Artur é muito novo para mim.

Nesse enunciado, em uma ordem cronológica, a unidade lexical *novo* localiza X (Artur) em uma faixa etária anterior a de Y. Não se trata de X ser muito *novo*, mas de X ser muito *novo* em relação a Y.

Vejamos agora o próximo enunciado com a substituição da unidade lexical *novo* por *velho*:

E14.1 – O Artur é muito velho para mim.

Assim como em E14, onde *novo* não se refere ao fato Artur ser muito jovem, mas ser *novo* em relação a Y. Posto isso, podemos dizer que nos E14 e E14.1 temos uma relação de oposição localmente construída entre os valores das unidades lexicais *novo* e *velho*.

Passemos agora a E15:

E15 - Sempre que uma artista sênior, como Susana Vieira, desfila com um garotão mais novo a tiracolo, a mídia se delicia e publica uma enxurrada de matérias com fotos, como se isso fosse coisa de outro mundo.<sup>15</sup>

Nesse enunciado, a unidade lexical *novo* marca a faixa etária de X em relação a Y. Em uma linha de comparação X <ser *novo*> em relação a Y O uso do intensificador mais indica essa relação de comparação entre X e Y.

Observemos o enunciado a seguir:

E15.1 – Sempre que uma artista sênior, como Susana Vieira, desfila com um garotão mais velho a tiracolo, a mídia se delicia e publica uma enxurrada de matérias com fotos, como se isso fosse coisa de outro mundo.

Nesse enunciado, ao substituímos a unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*, constatamos que o uso de *velho* é bloqueado pelo contexto. Temos uma relação de comparação entre a faixa etária de X e Y. A Y é atribuída a propriedade de <ser artista sênior> que o configura em uma faixa etária superior a X. A X é atribuída a propriedade de <ser garotão>, o que impede localmente uma relação de oposição entre os valores de *novo* e *velho*.

Vejamos o enunciado E16:

E16 - Mulher nova, bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor.<sup>16</sup>

Em E16, a unidade lexical *novo* marca a faixa etária de X (mulher). Em uma linha cronológica X é localizada como <jovem>. Se pensarmos em um enunciado com a unidade lexical *novo* anteposto teremos: Nova mulher, bonita e carinhosa. Veja que a propriedade <ser nova> atribuída a mulher não marca sua faixa etária, mas um processo de renovação, transformação de X, predominado o aspecto

<sup>15</sup> Extraído de < <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/beleza/entenda-por-que-homens-podem-preferir-mulheres-mais-velhas,902830f5e0e27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>> Acesso em 18/01/2019.

<sup>16</sup> Extraído de < <https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/82373/>> Acesso em 18/01/2019.

qualitativo. Se mudarmos o contexto teremos, por exemplo: A nova mulher de João é bonita. Nesse caso, a unidade lexical *novo*, marca X como outro elemento de uma sequência.

Vejamos o próximo enunciado:

E16.1 - Mulher velha, bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor.

Nesse enunciado, a substituição entre as unidades lexicais *novo* e *velho* é possível, pois o contexto não inibe o uso de *velho*. A unidade lexical *velha* marca uma faixa etária mais avançada X (mulher). Considerando esse valor, podemos ter entre os valores construídos nos enunciados E16 e E16.1 a construção de uma relação de oposição entre as unidades lexicais *novo* e *velho*.

Vejamos o próximo enunciado:

E17 – Esse livro é o mais novo dessa loja, vou comprar

Nesse exemplo, a unidade lexical *novo* pode, de um lado, em uma dada situação contextual, marcar o estado de conservação de um livro X e, de outro, em uma outra situação contextual, marcar um livro X como o mais recente em uma livraria, um lançamento. Considerando a primeira perspectiva, *novo* marca o estado de conservação de um livro X em relação aos demais livros de uma mesma loja, atribuindo-lhe a propriedade de <ser conservado>. Partindo da segunda perspectiva, *novo* marca um livro X como o último lançamento em uma dada loja.

Observemos o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*:

E17.1 – Esse livro é o mais velho dessa loja, vou comprar

A unidade lexical *velho* evoca o sentido de antigo em termos de tempo de existência de edição em relação aos demais livros de uma dada loja. Pode também evocar o sentido de desgaste, mas o enunciado traz um custo enunciativo em razão do que está colocado à direita – vou comprar. Não se espera que alguém queira

comprar o livro mais desgastado da loja. De um lado, considerando o valor estabilizado de estado de conservação de X, as unidades lexicais *novo* e *velho* em *E05* e *E05.1* constroem localmente uma relação de oposição. Assim como, se considerarmos o valor construído em *E17* de <lançamento>, <de edição recente> e de <antigo> em *E17.1*, em termos de edição, é possível a construção de uma relação de oposição entre *novo* e *velho*.

Passemos agora a:

E18 – Os donos de brechó têm um cuidado para selecionar as melhores peças, que passam por uma curadoria e até parecem novas, por isso são mais caras que roupas de bazar, mas ainda assim são peças mais baratas que de lojas convencionais.<sup>17</sup>

A unidade lexical *novo* marca o efeito visual provocado por X (peças). Em E18, X não possui a propriedade de <serem novas> e tão pouco a propriedade de <serem desgastadas>. Temos, na verdade, X na interseção entre essas duas propriedades, isso pode ser comprovado pela sequência selecionar as melhores peças e do verbo parecer. O efeito visual de <parecer novas> faz com que lhes sejam atribuído maior valor financeiro.

Observemos o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* em E18.1:

E18.1 – Os donos de brechó têm um cuidado para selecionar as melhores peças, que passam por uma curadoria e até parecem *velhas*, por isso são mais caras que roupas de bazar, mas ainda assim são peças mais baratas que de lojas convencionais

Nesse enunciado, o uso da unidade lexical *velho* é vedado pelo contexto. A interação entre as unidades e o modo como elas funcionam no enunciado fazem com que *velho* seja inibido de funcionar. Podemos comprovar isso destacando a sequência selecionar as melhores peças e até parecem. Em outro contexto melhores

---

<sup>17</sup> Extraído de <<https://massanews.com/blogs/moda/desavesso/voce-sabe-a-diferenca-entre-bazar-e-brecho-RQ72Z.html>> Acesso em 18/01/2019.



e *velho* poderiam funcionar, mas aqui *melhores* indica a propriedade de <não desgastadas> ou <pouco tempo de uso>. O contexto de *E18.1* impede o funcionamento da unidade lexical *velho* em substituição a unidade lexical *novo*, bem como a construção de uma relação de opositividade.

Finalizando o processo de análises e discussão vejamos a seguir a síntese das análises.

### 3.3 Síntese das Análises

Em relação aos enunciados analisados, observamos, em uma linha de abstração, que a unidade lexical *novo* remete preponderantemente a uma temporalidade que se apresenta sob aspectos distintos, podendo marcar introdução de um elemento em uma situação dada indicando um tempo de existência recente que pode estar vinculado a um acréscimo ou não, bem como situando a existência de um estado de conservação, uma faixa etária. Salientamos que também o elemento introduzido pela unidade lexical *novo* (a) pode integrar-se a um conjunto, ou romper com o conjunto.

Destacamos a seguir alguns aspectos observados em cada grupo:

Grupo (01) – *Novo* indicando a introdução de um elemento com valor de acréscimo:

- *Novo* marcando uma relação de integração. Quando introduzido um elemento X passar a fazer parte de um total em um conjunto dado; temos assim desencadeado a ideia de um conjunto de processos seletivos de sementes, de cômodos, de amigos e de carros;
- *Velho*, quando não vedado pelo contexto, delimita o espaço temporal ocupado por um elemento X já existente e o valor de acréscimo desencadeado pela unidade lexical *novo* é desconfigurado;
- *Novo* indicando o surgimento de um elemento X acrescido a Y que para ter sua existência garantida rompe com o seu elemento precedente.

Grupo (02) – *Novo* indicando a introdução de um elemento gerando ruptura:

- *Novo* marcando elementos que não admitem uma relação de integração. Isto é, um elemento X quando introduzidos em uma sequência R provoca uma ruptura com o elemento precedente Y; dessa maneira, X e Y não coexistem como foi possível verificar nos enunciados E07, E09 e E10;
- *Novo* marcado a introdução de um elemento X que coexiste com o elemento precedente Y em uma sequência R. X e Y coexistem em R ocupando espaços temporais distintos;
- *Velho* é vedado pelo contexto dos enunciados que não admitem uma relação de integração.

Grupo (03) – *Novo* situando um elemento em um espaço temporal:

- *Novo* marcado um estado de conservação de X em comparação a Y;
- *Novo* indicando a faixa etária de X em comparação a faixa etária de Y;
- *Novo* marcando a faixa etária de X;
- *Novo* remetendo ao tempo de introdução de um elemento X em um dado grupo e coexistindo com os demais elementos;
- *Velho* contrapondo-se a *novo* quando evidenciado a faixa etária e o estado de conservação de X.

Pudemos perceber, em quase todos os enunciados analisados, que a construção de uma relação de oposição entre os valores das unidades lexicais *novo* e *velho* não foi possível em função do contexto, que vedava o funcionamento da unidade lexical *velho* em substituição a unidade lexical *novo*, ou em razão dos sentidos construídos de *novo* e *velho* não se encontrarem em uma linha de oposição.

Outro aspecto a considerar é que a unidade lexical *novo* quando introduz um elemento indicando a sua existência recente a unidade lexical *velho* se contrapõe indicando a sua estabilidade em um espaço temporal, ou seja, X ocupando uma posição de anterioridade em um espaço temporal delimitado.

Logo, em conformidade com nossa hipótese, constatamos que não há uma relação de opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*, o que se opõe, na verdade, não é uma unidade em relação a outra unidade, isto é, *novo* e *velho* não se opõem enquanto unidades, mas os valores construídos e estabilizados temporariamente dentro de um contexto dado podem favorecer a construção de uma relação de oposição. Isso reforça a tese construção de sentidos apresentada nos trabalhos de Culioli (1990, 1999a, 1999b) e outros pesquisadores dessa linha de investigação como Franckel (2011), a qual advoga que uma unidade não possui um valor em si mesma, mais um potencial significativo que só é estabilizado quando posto em uma dinâmica de interação com outras unidades em um enunciado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos as considerações finais dessa pesquisa que objetivou demonstrar que não existe uma relação de opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*, ancorados em uma perspectiva teórica construtivista, a TOPE. Partimos da hipótese de que toda e qualquer relação de opositividade entre as unidades lexicais *novo* e *velho* é construída localmente no enunciado. Pois, defendemos que as unidades lexicais são entidades que não possuem sentido pré-estabelecido, que lhe seja próprio, mas sim um potencial enunciativo que em uma dinâmica de interação estabiliza temporariamente um determinado sentido.

Apresentamos, no primeiro capítulo, os construtos teóricos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli que constitui a base para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Exploramos, nesse capítulo teórico, o que da TOPE seria propício para nossa pesquisa, priorizando os aspectos mais direcionados a nossa proposta.

No segundo capítulo, exploramos como as unidades estão relacionadas. Primeiro, em uma perspectiva estruturalista e, em seguida, em uma perspectiva construtivista. A finalidade desse capítulo consistiu em nos direcionar ao foco das nossas análises e mostrar a distância entre a perspectiva estruturalista e a perspectiva construtivista por nós adotada e que sustenta toda nossa pesquisa.

Nos procedimentos metodológicos apresentamos a constituição do nosso corpus de pesquisa e a maneira como desenvolvemos nossas análises. Evidenciamos o procedimento de testagem de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*, o que foi primordial para a verificação da construção ou não de uma relação de opositividade entre as unidades lexicais *novo* e *velho*.

Tendo como ponto de partida os pressupostos da TOPE e os resultados das nossas análises, constatamos que tanto a unidade lexical *novo* quanto a unidade lexical *velho* estabilizaram sentidos diferentes em cada enunciado; o que queremos dizer por diferente? Queremos dizer que os sentidos construídos de *novo* e *velho* não se encontram em uma linha de oposição.

Finalizamos esta dissertação afirmando que não há uma oposição fixa e direta entre *novo* e *velho*. Quando detectada uma ocorrência, verificamos que tal relação de opositividade foi construída localmente no enunciado. Em suma,

podemos dizer que a opositividade se estabelece mediante os valores estabilizados temporariamente, confirmando nossa hipótese. Ou seja, considerado um processo de construção de sentidos que depende da interação estabelecida entre as unidades lexicais *novo* e *velho* e as outras unidades no contexto.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. C. de B. **A construção de sentido de um verbo prefixado: uma análise enunciativa do verbo descobrir.** (Dissertação de Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina (PI), 2016.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I.** 5º edição. Campinas (SP): Pontes Editores, [1976] 2005.

BORBA, F. S. **Dicionário de usos do Português do Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 2002.

DUCARD, D. **Sentido oposto, ambivalência, complementaridade:** notas de leituras seguidas de um estudo semiolinguístico de abandon. Letras de Hoje, Porto Alegre, V. 44, N.1, p. 72-79, jan/mar. 2009.

CANÇADO, M. **Manual de Semântica:** noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2013.

CORREIA, C. N. **Estudos de determinação:** a operação de quantificação-qualificação em sintagmas nominais. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / FCT, 2002.

COSTA, J. D. R. da. **Operações de Quantificação Qualificação em Sintagmas Nominais com o Pronome Indefinido *Algum*:** determinando nomes, definindo valores. 153 f. 2012. (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Federal do Piauí, Teresina- Piauí, 2012.

CULIOLI, A. **Notes du séminaire de D.E.A. - 1983-1984.** Paris: Poitiers, 1985.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation:** domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation:** formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation:** opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.

CUMPRI, M. L. **Sobre o conceito de noção:** a visão enunciativa do signo linguístico. Palimpsesto, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLORES, V. do N. et al. **Dicionário da Linguística da Enunciação.** São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V. do N. **Enunciação e Gramática.** São Paulo: Contexto, 2008.

FRANCKEL, J. J. Da interpretação à glosa : por uma metodologia da reformulação. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 103-130.

FRANCKEL, J. J. Referência, referenciação e valores referências. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. P. 31-55.

FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, Denis. Aspecto da teoria de Antoine Culioli. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-101.

GILBERT, E. La Théorie des Opérations Énonciatives d' Antoine Culioli. In: **Les Théories de La Grammaire Anglaise en France**. COTTE, P. Paris: Hachette Education, 1993.

HOLANDA, L. K. P. de. **O uso dos Adjetivos em textos escolares**: uma reflexão na perspectiva da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. 154 f. 2017 (Mestrado Acadêmico em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina – Piauí, 2017.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss**: sinônimos e antônimos. 2 ed. São Paulo: Publicafolha, 2008.

LIMA, M. A. F. **Operações Enunciativas de Antoine Culioli**: alguns aspectos teóricos. IN: Expressão: Revista do Departamento de Letras/UFPI. V. 4, N1. Teresina, EDUFPI, 2000.

LUZ, F. M. **Variação semântica e identidade**: um estudo dos verbos sentir e perceber. (Dissertação de Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí - UFPI, Teresina (PI), 2013.

LYONS, J. **Semântica – I**. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

PALMER, F. R. **A Semântica**. Lisboa: Edições 70, 1976.

PAVEAU, M. **As linguísticas enunciativas**. IN: PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. As grandes teorias linguísticas. São Carlos: Claraluz, 2006.

PRIA, A. D. **Para um direcionamento do estudo do adjetivo**: os processos enunciativos de variação semântica de “falso”. Araraquara, SP, 2009. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 2009.

REZENDE, L. M. **Léxico e gramática**: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. 2000. Tese (livre-docência). - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2000.

REZENDE, L. M. Diversidade experiencial e linguística e o trabalho do professor de língua portuguesa em sala de aula. In: REZENDE, Leticia Marcondes; ONOFRE, Marília Blundi. **Linguagem e Língua Naturais: diversidade experiencial e linguística**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.

ROMERO, M. C. **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada - estudo dos verbos jouer e changer**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2000.

ROMERO, M. C. TRAUZZOLA, V. S. L. **Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações Enunciativas**. Calidoscópico, v.12, n. 2, p. 239- 248, mai / ago 2014.

SACCONI, L. A. **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SANTOS, L. P. dos. **A construção de sentido do adjetivo *grande* na perspectiva da teoria das operações predicativas e enunciativas (TOPE)**. (Dissertação de Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina (PI), 2013.

SILVA, C. D. da. **O processo de qualificação e construção de sentido dos adjetivos *falso* e *fiel* na perspectiva da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas**. (Dissertação de Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí - UFPI, Teresina (PI), 2014.

SILVA, T. F. da. **Um estudo semântico-enunciativo dos verbos tomar e levar no Português**. (Dissertação de Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina (PI), 2015.

TAMBA-MECZ, I. **A Semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

VALENTIM, H. T. **Predicação de existência e operações enunciativas**. Lisboa: Colibri, 1998.

VILELA, M. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VOGUÉ, S. de; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.